



Vista Aérea de Nova Jerusalém

de me deter, nesta edição da Revista Eisfluências, nesta última grandeza que tem sua história fundamentada na determinação de Plínio Pacheco com a dedicação e muito trabalho debaixo do sol ardente das pessoas simples que trabalharam arduamente lapidando, moldando pedras inteiras que aos poucos iam se tornando colunas imensas e todo aquele cenário - explicaram-me quando de uma visita naquele espaço. Um dia inteiro foi necessário para percorrer todos aqueles palcos que compõem o maravilhoso cenário. E quando falo nesse povo provido de garra, mas que tem uma dedicação especial ao que fazem, eu me reporto aos que conseguiram erguer o que hoje é o Maior Teatro ao Ar Livre do Mundo, Situada no município do Brejo da Madre de Deus /PE, a Nova Jerusalém. Sua forma arquitetônica erigiu-se no solo árido e seco, entre montanhas e pedras, em 1968.

Esse conjunto arquitetônico foi idealizado por Plínio Pacheco, gaúcho que chegando ao Brejo da Madre de Deus casou-se com Diva Mendonça, filha do criador do espetáculo da Paixão de Cristo, até então encenado em peça simples, por camponeses, comerciantes, e alguns atores que se apresentavam nos Teatros do Recife.

Plínio lá chegou em 1956 através do convite do ator Luis Mendonça, o qual interpretava o papel de Jesus.

A Nova Jerusalém tem no seu interior de cem mil metros quadrados delimitados por uma muralha de três mil e quinhentos metros e setenta torres, nove cenários réplicas da Jerusalém, cidade Santa, onde acontece a Paixão de Cristo com a interação total do público, turistas de todo o Brasil e do exterior, acompanhando de perto todo o espetáculo, movimentando-se e percorrendo o cenário. É o teatro vivo.

A área em que está situada a Cidade Teatro, onde se realiza todos os anos o "mega espetáculo", equivale a 1/3 (um terço) da área da Terra Santa.

O conjunto arquitetônico da Nova Jerusalém e a atração teatral passaram a ser Patrimônio Cultural Material e Imaterial de Pernambuco, em março de 2009, graças à iniciativa do Deputado Alberto Feitosa que apresentou o Projeto de Lei 816/08 na Assembléia Legislativa de Pernambuco dando origem à Lei 13.726/2009.



Palácio de Herodes em Nova Jerusalém

NOVA JERUSALÉM

O maior teatro ao ar livre do Mundo

Reportagem de Mercêdes Pordeus

Às vezes ouço comentários de pessoas, em tom de ironia que, Recife ou Pernambuco tem tudo maior e melhor do mundo ou das Américas e isso por vezes me entristece porque só demonstra que o povo de uma terra bravia não sabe reconhecer os valores históricos e culturais da sua terra.

E é verdade!

Recife tem no seu coração a Primeira Sinagoga das Américas: KAHAL ZUR ISRAEL (Rochedo de Israel), neste local onde a mesma funcionou, e hoje é o Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco no endereço: <http://www.arquivojudaicope.org.br/>. Vale a pena fazer uma visita.

A cidade de Olinda, declarada em 1982, Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO, com riquezas inigualáveis; O maior Teatro ao Ar Livre do Mundo, a Nova Jerusalém.

E se formos enumerar esses valores, seriam tantos! Porém, gostaria de me deter, nesta edição da Revista Eisfluências, nesta última grandeza que tem sua história fundamentada na determinação de Plínio Pacheco com a dedicação e muito trabalho debaixo do sol ardente das pessoas simples que trabalharam arduamente lapidando, moldando pedras inteiras que aos poucos iam se tornando colunas imensas e todo aquele cenário - explicaram-me quando de uma visita naquele espaço. Um dia inteiro foi necessário para percorrer todos aqueles palcos que compõem o maravilhoso cenário. E quando falo nesse povo provido de garra, mas que tem uma dedicação especial ao que fazem, eu me reporto aos que conseguiram erguer o que hoje é o Maior Teatro ao Ar Livre do Mundo,



Muralhas de Nova Jerusalém

Situada no município do Brejo da Madre de Deus /PE, a Nova Jerusalém. Sua forma arquitetônica erigiu-se no solo árido e seco, entre montanhas e pedras, em 1968.



Esse conjunto arquitetônico foi idealizado por Plínio Pacheco, gaúcho que chegando ao Brejo da Madre de Deus casou-se com Diva Mendonça, filha do criador do espetáculo da Paixão de Cristo, até então encenado em peça simples, por camponeses, comerciantes, e alguns atores que se apresentavam nos Teatros do Recife.

Plínio lá chegou em 1956 através do convite do ator Luis Mendonça, o qual interpretava o papel de Jesus.

A Nova Jerusalém tem no seu interior de cem mil metros quadrados delimitados por uma muralha de três mil e quinhentos metros e setenta torres, nove cenários réplicas da Jerusalém, cidade Santa, onde acontece a Paixão de Cristo com a interação total do público, turistas de todo o Brasil e do exterior, acompanhando de perto todo o espetáculo, movimentando-se e percorrendo o cenário. É o teatro vivo.

A área em que está situada a Cidade Teatro, onde se realiza todos os anos o "mega espetáculo", equivale a 1/3 (um terço) da área da Terra Santa.

O conjunto arquitetônico da Nova Jerusalém e a atração teatral passaram a ser Patrimônio Cultural Material e Imaterial de Pernambuco, em março de 2009, graças à iniciativa do Deputado Alberto Feitosa que apresentou o Projeto de Lei 816/08 na Assembléia Legislativa de Pernambuco dando origem à Lei 13.726/2009.

Alberto Feitosa diz que "Há mais de quarenta anos, na Semana Santa, é encenado no maior teatro ao ar livre do mundo, segundo o Guinness Book, o espetáculo da Paixão de Cristo, no município do Brejo da Madre de Deus, no agreste do Estado de Pernambuco". O autor do Projeto de Lei diz que com essa iniciativa visa preservar as identidades histórica e cultural.

Reconhece a obra de Plínio Pacheco, ao construir em meio ao agreste pernambucano o monumental teatro ao ar livre.

Hoje, o teatro tem como responsável pela coordenação do evento, a STFN – Sociedade Teatral Fazenda Nova, presidida por Robson Pacheco, filho do idealizador do espetáculo da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém, e assim, passou a receber subsídios para aprimoramento do espetáculo.



Fórum de Pilatos em Nova Jerusalém

Por quase 20 anos o ator José Pimentel interpretou Jesus Cristo, tendo sido substituído em 1996 pelo ator Fábio Assunção.

A partir daí surgiram os atores da TV Globo nos papéis principais.

Este ano será encenado de 15 a 23 de abril, sendo Jesus encenado por Thiago Lacerda, dentre outros artistas da Rede Globo.

Hoje, José Pimentel continua fazendo o papel de Cristo no espetáculo que dirige, chamado Paixão de Cristo do Recife, no Marco Zero.

Atualmente, talvez devido ao desenvolvimento e complexidade e necessidade de aprimoramento do espetáculo, é lamentável que o espetáculo da Paixão de Cristo de Nova Jerusalém tenha deixado um pouco de pertencer aos pernambucanos, tolhendo talentos, sublimando potenciais daqueles que foram...O INÍCIO!

Palcos da Cidade Teatro:

1. Sermão da Montanha
2. Templo Sinédrio
3. Cenáculo
4. Horto das Oliveiras
5. Palácio de Herodes-Bacanal
6. Fórum de Pilatos
7. Via Sacra
8. Calvário – Enforcamento de Judas e Crucificação
9. Túmulo e Ressurreição

A descrição das cenas abaixo foram retiradas dos site: <http://www.novajerusalém.com.br>

O Sermão PRÓLOGO

Os Profetas Moisés e Elias anunciam a vinda do Filho de Deus. Jesus aparece transfigurado entre os dois profetas.

TENTAÇÃO NO DESERTO:

Jesus, após quarenta dias no deserto, é tentado pelas múltiplas faces do demônio.

SERMÃO DA MONTANHA:

Jesus prega à multidão, acolhe as criancinhas, cura e ensina o Pai Nosso. Ao saber da prisão de João, o Batista, decide seguir para Jerusalém

O Templo de Jerusalém

DISCUSSÕES NO TEMPLO:

Jesus entra triunfalmente em Jerusalém, aclamado pelo povo. Expulsa os vendilhões do Templo e discute com fariseus, escribas e doutores da lei.

O SINÉDRIO:

Presidido pelo Sumo Sacerdote, Caifás, o conselho supremo do Sinédrio se reúne e decide condenar Jesus. Judas vende o seu mestre por trinta moedas.

FICHA TÉCNICA

Director

Victor Jerónimo
(Portugal/Brasil)

Directora Cultural

Carmo Vasconcelos
(Portugal)

Responsável pela Redacção

Mercêdes Pordeus (Brasil)

Design Gráfico e Composição

Victor Jerónimo

Nosso sítio

<http://www.eisfluencias.ecosdapoiesia.org/>

Contacto

eisfluencias@gmail.com

Conselho de Redacção

Abilio Pacheco (Brasil)
Humberto Rodrigues Neto (Brasil)
Luiz Gilberto de Barros (Brasil)
Marco Bastos (Brasil)
Petrônio de Souza Gonçalves (Brasil)
Rosa Pena (Brasil)

Correspondentes

Alemanha - António da Cunha Duarte
Justo
Argentina - María Cristina Garay
Andrade
Bielorússia - Oleg Almeida
Brasil - Elizabeth Misciasci
Colômbia - Eugénio de Sá
Espanha - María Sánchez Fernández

Revista de eventos, actualidades, notícias culturais, político/sociais, e outras, mas sempre virada à directriz cultural, nas suas várias facetas.

Propriedade de
Mercêdes Batista Pordeus Barroqueiro
Recife/PE/Brasil

Tiragem: 100 ex
Distribuição Gratuita

Divulgação via internet

Depósito legal
LEI DO DEPÓSITO LEGAL LEI N° 10.994, DE 14 DE
DEZEMBRO DE 2004
Biblioteca Nacional
Brasil

ISSN 2177-5761



Templo do Sinédrio em Nova Jerusalém

O Cenáculo**A ÚLTIMA CEIA:**

Jesus reúne os seus discípulos para a Última Ceia e deles se despede, dando-lhes o pão (o seu corpo) e o vinho (o seu sangue).

O Horto**AGONIA NO HORTO:**

Jesus sofre antevendo sua Paixão e Morte.

A TRAIÇÃO:

Judas, com um beijo, entrega Jesus aos soldados de Caifás.

A PRISÃO DE JESUS:

Jesus é levado preso para ser julgado.

O Palácio de Herodes**A BACANAL DE HERODES :**

A bacanal do rei Herodes é interrompida com a chegada dos sacerdotes que conduzem Jesus.

JESUS PERANTE HERODES:

Herodes pede a Jesus um milagre e não é atendido. Irritado, o rei manda-o de volta a Pilatos.

O Fórum Romano**JESUS PERANTE PILATOS:**

O Pretório Romano é invadido pela multidão e pelos que querem a morte de Jesus. Pilatos, o Procurador de Roma, chega ao Pretório numa biga romana e saúda os seus legionários.

A FLAGELAÇÃO DE JESUS:

Pilatos interroga Jesus e manda-o à flagelação.

A CONDENAÇÃO DE JESUS :

Pilatos solta Barrabás e lava as mãos, condenando o Nazareno a morrer na cruz

A Via Sacra**O ENCONTRO COM MARIA:**

Carregando a cruz, Jesus cai pela primeira vez e encontra-se com Maria, a sua mãe.

AS MULHERES DAS LAMENTAÇÕES :

Compadecido das lamentações das mulheres, Jesus fala às filhas de Jerusalém.

O CIRINEU :

Jesus cai pela segunda e pela terceira vez e é ajudado pelo cireneu a transportar a cruz.

O Calvário**O DESESPERO DE JUDAS:**

Judas é atormentado por sua consciência, por ter traido e entregue o Filho de Deus à morte e enforca-se, por isso.



Enforcamento de Judas em Nova Jerusalém

CRUCIFICAÇÃO E MORTE NA CRUZ:

Jesus é pregado na cruz entre dois malfetores. É ultrajado e escarnecido pelos seus algozes. Na hora nona expira, entregando ao Pai o seu espírito. A terra treme e tudo escurece com a morte do Filho do Homem.

A DESCIDA DA CRUZ :

José de Arimatéia reclama o corpo de Jesus, que é retirado da cruz.

MATER DOLOROSA:

O corpo de Jesus é colocado no regaço de Maria, que chora sobre o filho morto.

O Sepulcro**O SEPULTAMENTO:**

Túmulo de Jesus Cristo em Nova Jerusalém

Arimatéia e Nicodemos, com os seus servos, levam o corpo de Jesus para ser sepultado num túmulo novo, próximo ao local de suplício. Maria, Madalena e João seguem o cortejo fúnebre.

A RESSURREIÇÃO:

Jesus é sepultado e o sepulcro é fechado. Atendendo a uma ordem de Pilatos, soldados romanos montam guarda ao sepulcro. Na madrugada do terceiro dia, numa forte comoção, a grande pedra do sepulcro se move sozinha. Os guardas romanos fogem apavorados. Jesus, glorioso, ressurge dos mortos para a nova vida.

AS TRÊS MARIAS:

Maria Madalena, Maria Salomé e Maria de Cleofas vêm juntas para embalsamar o corpo de Jesus. Encontram vazio o sepulcro.

O ANJO DA RESSURREIÇÃO :

Um anjo anuncia às três marias a ressurreição de Jesus e lhes pede que sigam para a Galiléia.

A ASCENSÃO:

Quarenta dias após a sua ressurreição, Jesus sobe, entre nuvens, para a Glória do Pai, diante da multidão extasiada.



Estatua de Plínio Pacheco

Para perpetuar, através de uma obra de arte, a grandeza do idealismo e a importância da obra de Plínio Pacheco no contexto sócio-cultural de Pernambuco e do País, a Sociedade Teatral de Fazenda Nova (STFN), pelo seu presidente, Robinson Pacheco, ergueu em 2003, dentro da Nova Jerusalém, uma estátua do seu idealizador e construtor.

A escultura mede dois metros a partir da base, perfazendo um total de cinco metros de altura, e retrata a figura de Plínio Pacheco a cavalo, empunhando um megafone (vide foto). Idealizada pelo cenógrafo Octávio Catanho (Tibí), a peça foi executada pelo artista plástico José Caxiado e construída em concreto sob estrutura de ferro. Pesando aproximadamente três toneladas, a estátua é fixada em uma base giratória, que tem a função de movê-la em direção a cada cena durante os espetáculos e possui iluminação especial.

Homenagem mais que justa, a construção do monumento é, ao mesmo tempo, um grande reconhecimento à obra de Plínio Pacheco e ao seu nobre espírito de luta, persistência, coragem, sensibilidade e amor à arte.

Texto: <http://www.novajerusalem.com.br/2011/>



QUARTA-FEIRA DE CINZAS – Começo da Quaresma por António da Cunha Duarte Justo

À Descoberta do Infinito em Nós

Com o dia de hoje (Quarta-feira de cinzas), os cristãos começam a época da quaresma, um tempo especial de Jejum e abstinência durante 40 dias. Trata-se de aprofundar a dimensão espiritual da pessoa.

Durante este tempo muitos cristãos não comem carne ou privam-se de algo em favor de alguém necessitado.

Não se trata de renunciar por renunciar a alguma coisa. A finalidade do jejum e abstinência é possibilitar uma experiência de alma especial, uma experiência de interioridade espiritual. Muitos são sufocados pelas experiências de fora sem lugar para a própria experiência, por se encontrarem sempre a correr. Na auto-estrada da vida precisamos de pousadas para satisfazer as necessidades corporais e espirituais.

Geralmente andamos longe de nós mesmos, apesar das doenças que surgem a bater-nos à porta, a chamar-nos a atenção para pararmos e mudarmos o sentido da vida.

A prática do jejum e abstinência destina-se a adquirir a experiência espiritual da proximidade de si mesmo, da proximidade de Deus. O jejum pelo jejum pode reduzir-se apenas a um acto de disciplina, que não nos aproxima nem nos afasta de Deus, pode talvez num primeiro momento levar à auto-observação. A vida é para ser vivida profundamente em todas as suas diferentes dimensões.

Muitos escolhem a semana antes da Páscoa para jejuar intensivamente. Não se trata de experimentar a fome mas de superar de modo a que o corpo reduza o seu consumo ao mínimo e assim disponibilizar energias especiais que favorecem a experiência espiritual. Esta precisa dum ambiente recatado e de silêncio.

As pessoas não são obrigadas a jejuar. Têm a oportunidade de o fazer. Podem reduzir as turbinas da velocidade ao mínimo. Além da experiência interior verifica-se que se consegue viver com menos e que isto faz bem à saúde corporal e espiritual.

O mundo do consumo traz-nos sempre a trote, desviando-nos do essencial, da felicidade, que é relação. A Páscoa é o símbolo dum objectivo e dum estado de vida na realização da felicidade. Quem tem um objectivo chega a algum lado, doutro modo perde-se pelo caminho ou mantém-se na roda do Hamster.

O jejum conseqüente levita o corpo e dá espaço ao espírito. O jejum também tem regras a que se deve estar atento para não se prejudicar o corpo.

O tempo da quaresma destina-se também a reencontrar os ideais da vida. O que se tem a mais pode ser deixado para os que têm a menos.

9 de Março 2011

www.antonio-justo.eu



As vezes Deus costuma usar a solidão para nos ensinar sobre a convivência.
Às vezes, usa a raiva, para que possamos compreender o infinito valor da paz.

Paulo Coelho in Manual Do Guerreiro da Luz-1997

NÃO SE DEIXE ILUDIR

José Geraldo Martinez

Ah! Minha amiga! Não se deixe iludir! Essas pessoas pessimistas que acham uma grande bobagem apaixonar-se, agora na terceira idade, estão sempre cercadas de um certo amargor de alma, provavelmente trazido de um passado distante. Afaste-se urgentemente e se faça de surda! Ama-se em qualquer idade e momento, apesar dos pessimistas e amargos sempre de plantão! O que, às vezes, falta é coragem de abrir as portas do coração e admitir-se amando! Pode observar! A pessoa tem uma certa timidez ou vergonha de confessar o amor que está sentindo e de passar por ridículo(a) diante da família e amigos. Sabe por quê? Lá no subconsciente, escuta ainda a voz dos pessimistas e isto ocorre na maioria das vezes dentro da própria família. Aliás, na maioria dos casos de separação, a própria família não dá qualquer tipo de apoio. Principalmente se você for mulher, que dirá, chegar um dia, você dizendo-se apaixonada? São estas regras que devem ser quebradas, é a síndrome da culpa, sem mesmo ter! Quebrar algumas regras na vida, faz grande diferença... Deixar de compensar os filhos apenas porque saiu para dançar ou porque arrumou um namorado! Não adianta, eles filhos, muitas vezes já criados e pais até, não imaginam que a mãe tenha tesão, fantasias, prazer, sonhos! Isso lembra aquela coisa de primeira professora... a gente imaginava quase uma deusa, que não comia, não peidava, não chorava, não sentia... Uma quase robô que a gente admirava acima de tudo, a ponto de querermos, muitas vezes, até se casar com ela(e)! São esses mesmos filhos, raras exceções, os tais pessimistas e agourentos, que ainda enxergam na mãe a santa de sempre, além de alguns amigos e a família hipócrita que a abandona de pronto em sua primeira crise conjugal. Isto é o suficiente para medos futuros. Daí a importância de quebrar algumas regras ou vai querer ficar eternamente apaixonado(a) pelo seu(sua) professor(a) de primeiro ano? Nossa! Aquela louca com um rapaz bem mais jovem ou vice-versa! E daí? Que homem feio a fulana arrumou e ainda é motorista de táxi!

Como se para amar alguém a gente tenha que pedir currículo ou que tenha participado de algum concurso de beleza! Gente, "as regras existem para serem quebradas"! O que é feio ou bonito se olhado por quem está amando? O amor real tem algumas coisas parecidas com o virtual. Ama-se sem ver o rosto, percebe-se apenas a alma! Falando nisso, quantas(os) não quebraram as tais regras no virtual e ficaram apenas por ali? Triste não é? Da mesma forma quantos fizeram do virtual um ensaio e saíram para o real e estão felizes! Não é raro vermos alguém correndo para frente da televisão, no momento da novela e ficar com os olhinhos vidrados na grande trama amorosa de alguma cena. Triste, não? Você poderia estar fazendo a sua própria novela e nem precisaria de qualquer produtor... O destino estaria encarregado de montar o palco e convidar o personagem! Basta você dar o primeiro passo, iniciar a primeira cena... quebrando uma regra e aguardar por capítulos de pura emoção! Ainda que o final não tenha sido aquele que você desejou... E daí? Você é a produtora da sua vida e, com certeza, um dia escreverá um final feliz! Pelo menos tentou!

José Geraldo Martinez
Araçatuba - 09/7/2007



José Geraldo Martinez é natural de Araçatuba, interior de São Paulo. Músico, arranjador, produtor fonográfico, escritor, poeta, cronista, compositor com mais de cento e cinquenta obras gravadas e editadas. Três livros publicados: *Nada está Perdido*, *Restou-me um Poema (Poesias)*, *O homem que Sonhava (Infanto Juvenil)*, *Caminhos Áridos (Infanto Juvenil)*, partindo agora para a sua quarta obra: *Entre Grãos, os Sonhos (Romance)*. Descobriu-se escritor pelos versos que fluíam fáceis em sua criatividade pelas lembranças vividas, pelo homem que marcou sua vida quer pela grandeza, miséria ou luta.

EU TE QUERO TANTO!

José Geraldo Martinez

Eu te quero tanto, meu amor...
Que já não tenho mais o que te oferecer!
Senão o que me sobrou desta vida minha,
com todo esse tanto de benquerença...

Eu te quero tanto, tanto...
Qual moribundo descobrindo a cura!
E renascido completamente, amor meu,
na infinitude da alma tua...

Eu te quero tanto, meu amor...
Qual pecador confessando ao Pai!
Em minhas mãos, tu és o terço,
nas preces longas; em teu corpo, altar...

Eu te quero tanto, tanto...
Qual peixe o rio que desagua no mar!
Com tua presença sou puro encanto,
menino grande, voltando a sonhar...

Eu te quero tanto, meu amor...
Qual andarilho a água no deserto!
Em teu peito sou carinho, sou carente,
órfão da dor que eu deixei, por certo...

Eu te quero tanto, tanto...
E a querer-te tanto, peço ainda assim?
É doce o erro que cometo e quanto...
Em amar-te tanto, tanto mais que a mim!

Araçatuba/SP/BR

HOJE SOU TEU!

José Geraldo Martinez

Hoje sou teu, minha poesia!
Tenho o coração partido...
Uma saudade não identificada,
que chega brincando comigo!

Tenho na boca o gosto de um destilado
que numa taberna o fiz companheiro.
O peito todo inflamado,
guardando meu desespero!

Lágrimas pela minha face,
cintilantes com a luz da lua...
Minha alma que divaga sem roupa,
na solidão desta triste rua!

Uma mistura de sentimentos.
Um buraco com eco cá dentro,
precisando ser preenchido!

Um aborto de ti resolveria!
Ah, triste poesia
deste poeta buscando o teu abrigo!

Araçatuba/SP/BR

"As pessoas são solitárias porque constroem paredes ao invés de pontes"

(Martin L. King)

JOÃO – UM ENCANTADO... Petrônio Souza Gonçalves

Nasceu: rosa no sertão infindo, João Guimarães Rosa, filho de Seu Fulô - Florduardo Pinto Rosa, e de Dona Chiquitinha - Francisca Guimarães Rosa, a 27 de junho de 1908. Era no signo da vida um enluado, via-se bem no rosto e no olhar. Herdou no coração um burgo inteiro, uma cidade povoada pelas histórias mineiras que não poderia ter outro nome senão, Cordisburgo. Batizado foi de forma singular, numa pia batismal talhada em milenar pedra calcária – uma estalagmite arrancada da Gruta de Maquiné. Assim, como no batismo glorificamos a nossa alma a Deus, o Encantado glorificou sua alma às coisas da sua terra, entranhadas no fundo do coração do povo, enterradas em mistérios e transcendências, os fundos e abismos da alma, os mistérios das grutas escuras do pensamento e sentimento humanos.

Era o primeiro dos seis filhos de Dona Chiquitinha. O pai era caçador de onça e contador de história. O filho, caçou a vinda inteira as histórias das onças que não foram caçadas, das onças que viviam e rugiam dentro dele, para todo sempre. Na vendinha que o pai tinha à casa geminada, o menino Joãzito, atento, no embornal da memória, colecionava histórias dos que por ali passavam. Gente sertaneja, vaqueiros que conduziam boiadas a Cordisburgo, para embarque nos trens da Central do Brasil com destino a Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. O pai, com o filho ralhava: “conversa de adulto não é para menino”! Mas Joãzito sabia muito bem do tesouro mágico que aos seus olhos e ouvidos ali se desfaldava. Um dia, declarou: “o que eu gostava mesmo era fechar-me num quarto e trancar a porta. Deitar no chão e imaginar estórias, poemas, romances, botando todo mundo conhecido como personagem, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas”. Quando se fechava em seu quarto, Joãzito libertava o pensamento e, montado no cavalo alado da imaginação, desvendava o sertão que só conhecia pelas histórias ouvidas na vendinha do pai.

O menino Joãzito já gostava de ler, e, sentadinho no chão frio – à Buda, se curvava diante do universo lúdico das palavras. Assim ficava horas a fio. Certo dia, recebendo a visita do Dr. José Loureço, amigo da família, foi analisado pelo médico que estranhou o jeito do meninozinho ler, de forma tão curvada, com os olhos semicerrados. Era miopia – vista curta – que o tornava cego para as coisas desprovidas de translucidez, de algo além do mundo tátil normal. Via mais com os olhos do coração. Aprendeu a sentir o mundo que o cercava. Só aos nove anos de idade, em Belo Horizonte, passou a usar óculos. Já aos sete anos, Joãzito começou sozinho, ou melhor, com os seus, a estudar francês. Com o Frei Canísio Zoetmulder, frade franciscano holandês, iniciou-se no holandês e deu prosseguimento aos estudos de francês, que iniciara antes. Aos nove anos incompletos, foi morar com os avós na capital das Gerais, onde terminou o curso primário no Grupo Escolar Afonso Pena. Na terra natal foi aluno da Escola Mestre Candinho. Estudou ainda o curso secundário no Colégio Santo Antônio, em São João del Rei, por pouco tempo, retornando a Belo Horizonte e matriculando-se no Colégio Arnaldo, onde aprendeu alemão com os padres alemães.

Algum tempo depois, definiu: “Falo português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituânio, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do tcheco, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal. E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional. Principalmente, porém, estudando-se por divertimento, gosto e distração”. Muito mais que todas as línguas, aprendeu a falar ao coração da humanidade, a ler e desvendar os corações e mistérios dos homens.

Em 1925, matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, aos 16 anos. Em 1929, ainda estudante de medicina, João Guimarães Rosa estreou no mundo surdo das palavras. Escreveu quatro contos: Caçador de camurças, Chronos Kai Anagke (título grego, significando tempo e destino), O mistério de Highmore Hall e Makiné, para um concurso promovido pela revista O Cruzeiro. Visava mais os prêmios (cem mil réis o conto) do que propriamente a experiência literária. Todos os contos foram premiados e publicados com ilustrações em 1929 e 1930. Anos depois, Guimarães Rosa confessaria que nessa época escrevia friamente, sem paixão, preso a moldes alheios – era como se garimpasse em errada lavra. Seguindo o veio da sua vocação natural, em Tutaméia revelou o que com ele se passou: “Tudo se finge, primeiro; germina autêntico é depois.” Nele não apenas germinou, cresceu, floresceu, deu frutos e sementes que

são plantadas diariamente nos solos férteis da vida humana.

Em 27 de junho de 1930, ao completar 22 anos, casou-se com Lígia Cabral Penna, de apenas 16 anos. O casal teve duas filhas: Vilma e Agnes. No mesmo ano, formou-se em Medicina pela U.M.G. e, pela aclamação dos 35 colegas, torna-se orador oficial da turma. Seu discurso foi publicado no jornal Minas Gerais de 22 e 23 de Dezembro de 1930. Nele, o Encantado já perfilava o seu conhecimento linguístico e a cultura literária clássica. Na parte final do discurso, refere-se à "Oração" do "iluminado Moysés Maimonides": “Senhor, enche a minha alma de amor pela arte e por todas as criaturas. Sustenta a força do meu coração, para que esteja sempre prompto a servir ao pobre e ao

rico, ao amigo e ao inimigo, ao bondoso e ao malvado. E faça com que eu não veja sinão o humano, naquelle que soffre!”.

Depois de formado, Guimarães Rosa foi exercer a profissão em Itaguara, então município de Itaúna (MG), onde permaneceria por cerca de dois anos. Lá, o doutor facultado, como na oração, vai conviver com a gente simples do lugar. Tornou-se amigo de Manoel Rodrigues de Carvalho, o Seu Nequinho, que morava num grão enfiado entre morros, conhecido por Sarandi. Seu Nequinho era adepto do espiritismo e parece ter inspirado a figura do Compadre Quelemém, personagem de Grande Sertão: Veredas.

Ainda em Itaguara, nasceria sua primeira filha, Vilma, que, na ausência do farmacêutico oficial, fez ele mesmo o parto da primogênita. Quando saiu de Itaguara, Guimarães Rosa foi servir como médico voluntário da Força Pública, durante a Revolução Constitucionalista de 1932, indo parar no setor do Túnel. Posteriormente, entra para o quadro da Força Pública, por concurso. Em 1933 vai para Barbacena na qualidade de Oficial Médico do 9º Batalhão de Infantaria. De Barbacena, Guimarães prestou concurso para o Itamarati, obtendo o segundo lugar. Nessa época, Rosa confidenciou ao seu colega, Dr. Pedro Moreira Barbosa, em carta datada de 20 de março de 1934, a sua desilusão com a medicina: “Não nasci para isso, penso. Não é esta, digo como dizia Don Juan, sempre 'après avoir couché avec...’

Primeiramente, repugna-me qualquer trabalho material – só posso agir satisfeito no terreno das teorias, dos textos, do raciocínio puro, dos subjetivismos. “Sou um jogador de xadrez – nunca pude, por exemplo, com o bilhar ou com o futebol”.

O Encantado queria mesmo era curar os homens por dentro, na sua alma, no seu coração. Por isso, com o título de doutor dos homens não foi apenas o médico-doutor, foi muito mais, foi o doutor-escritor que com as mãos untadas de poesia, curou muitos dos males que fazem dos homens o ser humano normal. Ele buscava o lado encantado-humano, o lado que só cabe no sentimento e derrama nas palavras... Sendo assim, anos depois, abandonou a medicina para plantar no coração de muitos um canteiro inteiro de ervas e palavras, todas aguadas pela fonte da poesia, do etéreo, do lúdico, das coisas que estão muito além de nós.

Guimarães Rosa concorreu em 1936 com um livro de versos intitulado Magma, ao prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Ganhou com louvor o primeiro lugar, encantando com seus versos o modernista Guilherme de Almeida. Anos depois, Rosa falaria sobre a sua inicial produção poética: “Meu começo, foram poesias (...) escrevi um volume nada pequeno de poesias que foram até elogiadas, e que me proporcionaram louvor. Mas aí, eu, quase diria felizmente, comecei a ser absorvido pela minha profissão: eu viajei pelo mundo, conheci muita coisa, aprendi línguas, acolhi tudo isso em mim, mas não pude mais escrever. Assim se passaram 10 anos até eu poder dedicar-me de novo à literatura. E quando eu reví, então, meus exercícios líricos, achei-os na verdade não ruins de todo, mas também não particularmente convincentes. Sobretudo, descobri que a poesia profissional que a gente tem de lançar mão nos poemas pode ser a morte da verdadeira poesia. Por isso eu me voltei para a lenda heróica, o conto fabuloso, a estória simples. Por que isso são coisas que a vida escreve, não a legalidade das chamadas regras poéticas. Então, eu me sentei e comecei a escrever Sagarana”.

Em 1937, Guimarães Rosa, com uma série de contos, os reuniu em um volume para concorrer, em dezembro do mesmo ano, ao prêmio Humberto de Campos, criado pela Livraria José Olympio Editora. A comissão julgadora deste concurso foi composta por Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Prudente de Moraes Neto, Dias da Costa e Peregrino Júnior. Com o pseudônimo de Viator – do latim: o passageiro, o viandante – o Encantado conquistou o segundo lugar no concurso, entre os 57 candidatos.

Em 1938, Guimarães Rosa é nomeado Cônsul Adjunto em Hamburgo. Já na Europa, conhece aquela que seria sua segunda esposa, Aracy Moebius de Carvalho, a Dona Ara. Junto à esposa, facilitou a migração de judeus alemães para o Brasil no período da Alemanha nazista. Pela grandeza da alma, do coração em formato de rosa, João e Ara tornaram-se nome de um bosque em Jerusalém, em 1985. Talvez, de uma forma figurada, para lembrar que no meio de tantos escombros e opressões, o encantamento se encontra abaixo dos homens, escondido, mas viceja num campo em flor.

Quando o governo Vargas rompeu com a Alemanha em 1942, Guimarães Rosa foi internado em Baden-Baden, juntamente com outros compatriotas. Os brasileiros ficaram detidos durante quatro meses e foram libertados em troca de diplomatas alemães. Retornando ao Brasil, depois de uma rápida passagem pela capital federal, Rosa segue para Bogotá, como Secretário da Embaixada, ficando lá até 1944.

Em 45, de volta ao Brasil, retoma os originais dos contos com os quais concorrera ao prêmio Humberto de Campos e, após uma reflexiva revisão, publica em 1946, pela Editora Universal, Sagarana, esgotando-se no mesmo ano duas edições. A palavra sagarana, uma formação híbrida criada pelo próprio autor, é a fusão de saga, substantivo comum de proveniência germânica, aplicada genericamente a narrativas históricas ou lendárias, e rana, adjetivo tupi que significa "parecido com, mal feito, tosco". Um dia, Rosa definiu os enigmas do livro como sendo "uma série de histórias adultas da Carochinha".

Guimarães Rosa é nomeado em 1946 Chefe de Gabinete do ministro João Neves da Fontoura e vai a Paris como membro da delegação à Conferência de Paz. Em novembro de 1947 publica no Correio da Manhã a reportagem poética: Com o Vaqueiro Mariano, resultado de uma viagem ao pantanal matogrossense que o deixou deslumbrado, a ponto de considerar a região "um verdadeiro paraíso terrestre, um Éden".

Como Secretário-Geral da delegação brasileira, Guimarães Rosa vai a Bogotá em 1948 à IX Conferência Inter-Americana. De 1948 a 1950, Rosa fica em Paris, como 1º Secretário e Conselheiro da Embaixada. Em 51 volta ao Brasil e é novamente nomeado Chefe de Gabinete de João Neves da Fontoura. Em 53 torna-se Chefe da Divisão de Orçamento e em 58 é promovido a Ministro de Primeira Classe (cargo correspondente a Embaixador). Em janeiro de 62, assume a chefia do Serviço de Demarcação de Fronteiras, tendo tomado parte decisiva em momentos-chaves com relação aos casos do Pico da Neblina e das Sete Quedas. Em 1969, em homenagem ao seu desempenho como diplomata, seu nome é dado ao pico da Cordilheira Curupira, situado na fronteira Brasil/Venezuela. Já estava acima de nós, povoava os céus, o mundo leve enevoado.

Em 52, depois de viajar o mundo, sentiu o peito desabitado pelas coisas que lhe eram mais baratas, caras e raras. Sentiu que estava despovoado do sertão que lhe era tudo, o princípio, o fim e o meio. De Três Marias, da lenda da fazenda Sirga, saiu ele junto de um grupo de vaqueiros para fazer uma viagem para dentro dele mesmo, para os seus mistérios, suas crenças, o seu mundo escuro e desabitado. Na companhia de Manuelzão, redimensionou o seu coração vasto, empoeirado de glórias e histórias. Em comitiva, Guimarães Rosa percorreu 40 léguas de histórias abertas nos caminhos do seu peito, da sua alma, até chegar a Araçá. No lombo do tempo, plantou nele mesmo uma semente que vingaria e daria uma árvore imensa, frondosa, debaixo de onde descansaria e escreveria as histórias mágicas, colhidas nas curvas das estradas, no sabor do vento.

Em 1956, Rosa reaparece com as novelas de Corpo de Baile. A partir da 3ª edição, o livro se desdobra em três volumes: Manuelzão e Miguilim, no Urubùquaquá, no Pinhém e Noites do Sertão. Como o ano estava a favor do vento da história, Rosa lança a 4ª edição de Sagarana, com ilustrações de Poty e, para marcar de forma definitiva a literatura nacional, aparece ele com as flores do mês de maio, com o Grande Sertão: Veredas, ou melhor, as veredas do grande sertão, aquele que se esconde aos nossos olhos na linha do horizonte, aquele que não se mede na linha do tempo. Como tudo que está acima de nós não vemos completamente ao primeiro olhar, o sertão de Rosa ficou um pouco desabitado pelos leitores e, vendo o equívoco histórico que

se sucedia, Afonso Arinos de Melo Franco soprou aos ouvidos mais atentos: "Cuidado com esse livro, pois Grande Sertão: Veredas é como certos casarões velhos, certas igrejas cheias de sombras. No princípio a gente entra e não vê nada. Só contornos difusos, movimentos indecisos, planos atormentados. Mas aos poucos, não é luz nova que chega; é a visão que se habitua. E, com ela, a compreensão admirativa. O imprudente ou sai logo e perde o que não viu, ou resmunga contra a escuridão, pragueja, dá rabanadas e pontapés. Então arrisca-se a chocar inadvertidamente contra coisas que, depois, identificará como muito belas". Depois, muitos, todos, mergulharam na catedral mágica do Sertão grandioso para rezar as histórias mágicas do Encantado, para comungar com o que é maior, com aquilo que não se toca, mas se sente no mais fundo da alma. Era uma Rosa nascendo no sertão infindo, definitivamente, ruminantemente.

O romance recebeu três prêmios: Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro; o Carmem Dolores Barbosa, de São Paulo e o Paula Brito, da municipalidade do Rio de Janeiro. Em 1985, o sertão roseano era levado ao ar pela Rede Globo de televisão, entre 18 de novembro e 20 de dezembro, num total de 25 capítulos, com a direção de Walter Avancini.

João Guimarães Rosa candidata-se pela primeira vez à Academia Brasileira de Letras em 1957, mas obtém apenas 10 votos. Em 58 começa a sentir pesar o coração povoado pelas coisas impregnadas pelo tempo e é acometido por distúrbios cardiovasculares. Depois de ficar por um tempo contemplando o sertão que descobrira dentro dele mesmo, Guimarães Rosa reapareceu em 1962 contando as suas Primeiras Estórias, numa coletânea de 21 pequenos contos.

Em maio de 63, candidata-se pela segunda vez à Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por João Neves da Fontoura. Na eleição realizada no dia 8 de agosto, o Encantado é eleito por unanimidade. Mas sua posse só aconteceria anos mais tarde.

Em janeiro de 65, Rosa participa do Congresso Latino-Americanos de escritores, em Gênova. Como resultado do Congresso ficou constituída a Primeira Sociedade de Escritores Latino-Americanos. Em 66, o conto "A hora e vez de Augusto Matraga" torna-se, por Roberto Santos, um filme admirável, que percorre vários festivais internacionais.

Em abril de 1967, Guimarães Rosa vai ao México como representante do Brasil no I Congresso Latino-Americano de Escritores, no qual atua como vice-presidente. Publica nesse mesmo ano Tutaméia. Tutaméia foi o último livro publicado em vida pelo autor. Foram publicados em 1969 e 1970 os livros póstumos, Estas Estórias (contendo Meu Tio, o Iauaretê) e Ave, Palavra.

No dia 16 de novembro de 1967, o escritor depois de muito se preparar, toma posse na Academia Brasileira de Letras. Já havia levado o sertão silencioso além fronteiras. Por seu trabalho reconhecido e reverenciado mundo afora, seria, nesse mesmo ano, indicado ao prêmio Nobel de Literatura. Três dias após sua posse na Academia, João, tendo a certeza de que as pessoas não foram terminadas, resolveu continuar aprendendo e estudando as línguas que não são faladas aqui, pesquisar nomes das coisas que não estão neste mundo, ver os sertões que estão por detrás do sertão que havia dentro e fora dele mesmo.

100 anos de uma obra não terminada...

Depois de ficar entre nós por um instantzinho enorme, 59 anos, João Guimarães Rosa escolheu ser novamente o menino Joãzito. Queria agora ler livros sentadinho de pernas cruzadas na esteira do céu. E, deitadinho numa nuvenzinha viajeira, passou a observar lá de cima o sertão profundo, o princípio de tudo, o começo, o meio, o todo. Era o Encantado, uma rosa mística no céu do Brasil, nascida e crescida no coração dos homens que acreditam nas transcendências, que admitem e comungam com o mistério, com o inenarrável. Com uma caneta emprestada por um anjinho de asas de manuelzinho-da-crôa, escreveu ele quando mal o sol se punha e lhe dourava a face, na página da história do coração da gente: travessia... Era o começo de tudo...

Petrônio Souza Gonçalves é jornalista e escritor
www.petroniosouzagoncalves.blogspot.com

Morre-se de amor. Também se morre dessa doença cruel e implacável, que a sociedade moderna criou e parece não estar muito preocupada em exterminar - o desprezo pelos outros.

Autor: Baptista-Bastos Tema: Desprezo
Fonte: Jornal de Negócios/Portugal
Data: 08/01/2010

VOCÊ NEM QUEIRA SABER por Marcelo Sguassábia



I

“Só sei que nada sei”. Pra se saber um por cento do que é preciso seria preciso mil quinhentas e noventa e seis vidas de oitenta anos cada. A conta é essa por enquanto, amanhã aumenta, depois de amanhã nem se fala. Há um email marcado como não lido, faz quinze dias. Leio e fico sabendo que lá se foi um camarada meu, dos idos do rolemã e dos cachorros amarrados com linguça. Acendo mentalmente uma vela e tomo um trago à sua saúde, ou no caso, à falta dela. Fica até chato ligar agora pra família depois da missa de sétimo dia. É essa pressa maldita, besta nervosa em que se monta e se galopa sem sela, no desajeito. Desculpe aí, meu amigo. O que faltou ser dito fica pra outra encarnação, tá certo? Isso eu juro pra você.

II

Todo conhecimento do mundo é atualizado a cada 5 anos. Não sei mais onde nem quando li isso, mas se sair pesquisando vou perder tonéis de infos que correm na raia 3 e chegam em cima da hora, breaking news extra-extra, plantões do Jornal da Globo e os outros 235 canais que clamam pelo meu zapping, mendigando uma parada que justifique a assinatura. Mas aí toca o telefone, aí o jantar tá na mesa e aí a mesa é só um adereço, porque já me adianta a vida se der pra comer de pé. Por favor, me quebra essa, eu não tenho o dia todo e você sabe bem disso. No olho do sobressalto, o jeito é partir voando. Pode ir na janelinha, no caminho eu explico tudo.

III

A urgência de ler “O Ócio Criativo”, aquele livro que fala da necessidade vital de fazer coisa nenhuma. Tenho muito o que fazer antes de pôr as mãos nele, que encabeça uma pilha de 80 centímetros de livros, que por sua vez faz as vezes de criado mudo para o copo d'água e o lexotan. É que acordo sempre no meio da madrugada assustado e suando frio, na ânsia de precisar saber o que não é possível saber por não haver tempo hábil.

IV

Basculante de spams sendo despejado. Agora não. Blogs sendo atualizados. Depois, quando baixar a poeira. Só que a poeira aumenta porque o galope aperta. Revistas, resenhas de fôlego, imperdíveis que se perdem. Não deixe o inadiável pra logo mais. Sem querer cobrar, mas já cobrando, há 1000 lugares que você precisa conhecer antes que se despeça do mundo. 1000 filmes que você precisa ver de qualquer jeito, irremediavelmente. Antes que seja tarde, antes que algo mais grave impeça, antes que uma merda de um Parkinson se instale precocemente, antes que o depois chegue de uma hora pra outra e seja o sujeito que rapte, e faça refém e mate no esconderijo sem mesmo pedir resgate.

V

Estabeleça prioridades: primeiro os clássicos, sempre. Mas eles que esperem, afinal são clássicos e venceram a prova do tempo, essa coisa que lhe, que me, que nos falta. Continuarão sendo clássicos a despeito da sua leitura, da audição que faça deles, de aplaudir ou não suas peças e seu legado à humanidade.

“Só sei que nada sei”. Quem foi que disse isso mesmo? Ao Google. São Google. Tenho três minutos e meio até que o circo pegue fogo. Deve dar, tem que dar. Torça por mim, por favor.

<http://www.agitobrasil.com.br/blogs/consoantesreticentes>



AGONIA SENTIMENTAL Humberto Soares Santa

Eu sou feito de fogo, terra e água
E tenho em mim o hoje e o ontem. Logo,
Ficarei amassado em dor e mágoa
No leito deste rio em que me afogo.

Em mim vivem tristeza e alegria.
Feio e belo também vivem comigo
Assim como a arrogância e a simpatia,
Unidos ao perdão e ao castigo.

Possuo em mim a noite e a alvorada.
Tenho o calor, o frio e o sofrimento
Assim como a tristeza e a gargalhada.

Deus pra aumentar a dor do meu tormento,
Querendo que eu fosse tudo, sem ser nada,
Soprou dentro de mim o sentimento!

Cotovia-Sesimbra-PORTUGAL

TREM DA VIDA Joaquim Marques

Somos levados em alta velocidade...
P'lo trem da vida em que todos viajamos
Partimos da estação da mocidade...
E a esta, alguma vez, jamais voltamos.

O trem vai correndo a toda a brida
Os olhos se deliciam na paisagem
Não pára em estações; não há saída
Pois é directo o curso da viagem...

Enquanto viajamos podemos contar
As estações por onde o trem passa...
Em velocidade louca sem nunca parar.

Um túnel escuro, muda a paisagem!
Uma luz ao fundo, lentamente, grassa...
Estação de chegada... E fim de viagem!...

Porto/PORTUGAL

SERTANOJO

Abílio Pacheco

Uma leitora me pediu uma crônica sobre música sertaneja. Chamou-a de Sertanojo. Disse-me não conseguir ficar num ambiente com música sertaneja e que ao chegar num bar só de sertanejo terminou suportando apenas a custa de muita cerveja. (Nestas horas, gostar de cerveja faz uma diferença.) Ela surpreendeu-se, talvez até tenha se decepcionado com meu gosto musical, quando demonstrei certa afeição ao sertanejo, à música sertaneja. Afeição sim, mas não a isto que por aí se chama ou chamamos de sertanejo. Convém esclarecer: Até chegarmos nestes cantores jovens com linguagem urbana e calça jeans tocando um ritmo que, ora se aproxima do rock, ora se aproxima das novas mpb's, e cantando letras que pouco ou nada lembram a atividade não-urbana, tivemos pelo menos duas fases ou gerações de cantores desse gênero que é bem representativo de uma parcela identitária de nossa nação.

Os primeiros sertanejos, ora ou outra chamados “caipiras”, hoje chamados clássicos sertanejos, mas também conhecidos como sertanejos de raiz (que eu gosto de chamar “sertanejo de verdade”), cantavam usando o sotaque e vocabulários próprios de sua região; a música estava mais próxima das modas de viola de fins do século 19 e início do 20; a interpretação dos artistas era discreta e mesmo sendo apenas a dupla no palco não havia uma supervalorização do artista em relação à música, a entonação em muito se aproximava de um diálogo ou de um cantar baixinho; as letras versam sobre a vivência numa atividade não urbana e muitas vezes ou eram elaboradas em redondilhas maiores ou contavam uma história. Não raro era encontrar canções que lembram os rimances, romances medievais, ou seja, narrativas em redondilhas. Um bom exemplo, creio que até bastante conhecido é o Chico Mineiro, que além de tudo ainda apresenta um drama familiar, bem ao gosto clássico, mas também bem próximo da produção literária medieval da península ibérica.

Depois destes, surgem as duplas que ainda hoje estão por aí. São formadas por pessoas cuja origem é rural, foram criados em fazendas e seus pais (ou eles mesmos na infância) desempenharam atividades pecuárias ou agrícolas. O sotaque parece suavizado e o próprio vocabulário empregado passa a se aproximar mais do urbano; as músicas passam a incluir outros instrumentos e a semelhança com a moda de viola vai aos poucos se perdendo; na interpretação, a figura do artista passa a ganhar relevo, surgem os backvocais e a entonação vai ganhando esta característica espremida (de prisão de ventre) que conhecemos hoje; as letras vão abandonando a temática anterior e passando a incorporar o ritmo das cidades e, mesmo as canções de amor, perpassam por questões ligadas à vivência urbana; não só a redondilha deixa de ser usada (afinal, eles não sabem o que é metrificar) como qualquer outra aproximação com a literatura e a cultura literária é abandonada. Esse processo de empobrecimento artístico só piora depois que alguns artistas passam a fazer carreira solo. O sertanejo ganha adjetivo: romântico-sertanejo.

Hoje já são muitos os qualificativos postos ao “sertanejo” (batidão sertanejo, sertanejo universitário, entre outros). Os cantores em pouco ou nada lembram os cantores caipiras. O sotaque sumiu de vez e o vocabulário não só é urbano como beira a variação etária da juventude, não vou me assustar se ouvir qualquer dia uma gíria numa canção desses jovens; a música ganhou ritmo moderno, arranjos sofisticados e instrumentos eletrônicos, além da diversidade de músicos no palco; as letras se urbanizaram de vez e o tratamento temático se aproxima do rock ou mesmo do pop-rock, o valor estético costuma sofrer mais a influência de uma cultura musical de outros ritmos que de uma cultura literária. Além desse ponto (relativamente) positivo, os cantores jovens diminuem (outros abandonam totalmente) a intensidade do cantar puxado, espremido, dos segundos sertanejos. Ao contrário dos primeiros sertanejos, ou dos caipiras, estes em nada se assemelham a pessoas advindas de áreas não-urbanas. Aqui, e na maioria da geração anterior, é difícil perceber que se trata de música sertaneja, ou mesmo difícil de classificá-la assim. Afinal, o caráter identitário ligado a um certo Brasil (a parcela sertaneja especialmente de Minas e Goiás) parece substituído por um caráter identitário de feição nacional totalizante.

Não consigo reconhecer estes como sertanejos. Posso gostar da música que fazem, posso encontrar nela qualidades artísticas e musicais ausentes nos segundos, mas tenho uma resistência a aceitar a classificação. Já os segundos são frutos bem sucedidos de estratégias de publicidade, são fenômenos próprios da indústria cultural (alguém ouviu as trombetas soarem?), eles estão bem classificados como românticos e ponto. Já os primeiros, caipiras, sertanejos de verdade, que abriram picada na mata em época sem internet, com a tv ainda em surgimento e tendo apenas o rádio como aliado, que não tiveram empresários e estratégias de marketing, nem usufruíram o que a indústria cultural proporcionou a partir da década de 60/70, que realmente sabem/sabiam o que é/era o sertão, a vivência nos rincões deste país... Deles, eu gosto, admiro, ouço com satisfação e contentamento. A música deles, sim, unicamente deveria se chamar “música sertaneja”.

Algumas observações:

1) o título da crônica foi citado pela primeira vez por Rosa NEPOMUCENO. Música caipira: da roça ao rodeio. São Paulo, Ed. 34, 1999.

2) a divisão que faço não tem fundamentação acadêmica, mas sugiro a leitura de um texto que faz uma divisão diferente da esboçada aqui, porém com fundamentação em pesquisa: Ivan VILELA. Cantando a própria história.

Disponível em: www.musicadesaopaulo.com.br/ivan_vilela.pdf.

3) Outro texto fruto de pesquisa acadêmica que merece nota aqui é a Dissertação de Mestrado de Elizete Ignácio dos SANTOS. Música caipira e música sertaneja: classificações e discursos sobre autenticidades na perspectiva de críticos e artistas.

Disponível em: www.ppgsa.ufes.br/mestrado/Texto_completo_226.prn.pdf

02 de Fevereiro de 2011.

Abílio Pacheco, professor, escritor

<http://www.abiliopacheco.com.br/>



“Hei-de soprar no trompete até o anjo Gabriel dizer “basta!” Depois, junto-me a ele e formamos um duo, pois deve tocar trompete como gente grande.”

Louis Armstrong (n. Nova Orleães 1901; m. Nova Iorque 1971)

ESCREVENDO COM SANGUE**Jorge Cortás Sader Filho**

Pois é o que lhe digo: não se escreve pelo simples prazer de teclar ou desenhar letras. Os resultados são ruins.

Escrever, como toda arte, necessita do aprendizado fundamental. A língua e a literatura. E, sobretudo a alma da verdade, o transmitir conhecimento sem ser professor, usando sua sabedoria.

É penoso. A língua tem que ser trabalhada em todo o trecho. Não pode haver erro, perde-se tudo, o autor não merece crédito. É preciso ter amplo domínio do vernáculo e da ciência do saber a comunicação com quem lê.

O cérebro sangra, o coração sangra, os dedos tremem. As ideias funcionam como engrenagens de uma máquina perfeita. Além de não poder brincar com o leitor e ter por ele o máximo respeito, há que se despertar o seu interesse nas primeiras linhas, e levá-lo assim até o final. Um processo difícil e na maioria das vezes doloroso.

Sua verdade tem que ser exposta. Não interessa se não é a do leitor: não podem existir mentiras, falsidades. Quem escreve para agradar o leitor, preocupado com este pensamento, cai fatalmente em erro sem remédio.

É bom que tenha em mente que quem lê logo percebe se o autor está enchendo o papel, ou querendo demonstrar cultura. Escrever não é isto. É entregar-se, num ato de doação. Todo aquele que tem conhecimento fica na obrigação de transmiti-lo sem alterar uma letra. Enfim, escrever é um ato de amor, que não está sujeito a outra regra, senão esta. Doar-se.

Niterói/BR

28/3/2011

<http://aduraregradojogo24x7.blogspot.com/>**Deus, Pátria e Família****António Barroso (Tiago)**

Não sou dado a formular juízos de valor entre duas épocas diferentes - no meu tempo... Creio que a evolução da humanidade, hoje em dia tão acelerada, não se compadece de saudosismos estéreis, nem das reminiscências dos tempos de criança. No entanto, quando se alteram os valores que formam o carácter, ou se eliminam princípios considerados, desde há séculos, como a identidade dum povo, ou ainda se substituem usos e costumes que constituem o normal funcionamento duma vida em comunidade, por modas importadas sem nexos, sou levado a pensar que algo não está correcto num evoluir que olha apenas o lado material e se esquece de o fazer acompanhar dos ensinamentos espirituais legados por gerações de antepassados.

Vem este pequeno preâmbulo ao caso, por me aperceber de ter lido, não me recordei quando ou onde, uma dissertação sobre o conceito de Deus, Pátria e Família, considerado, por alguns, como uma herança do fascismo, na ânsia, pessoal ou doutrinariamente imposta, de destruir um passado cuja história vão impondo como dado irrefutável.

Pelas obras que legaram, ou pelos feitos que o tempo não deixou esquecer, esta trilogia deverá ter servido de bandeira ou guião a tantos Henriques, Gamas e Cabrais que Camões immortalizou. Mais tarde, tomando-lhes o exemplo, também Serpas Mouzinhos, Ornelas e tantos outros, honraram o lema de seus antepassados. Mas porque este guião quer no seu conjunto, quer tomado individualmente, contém conceitos contrários às modernas ideologias ou ao cifrão, eleito como símbolo do poder, de há muito que se vem desenvolvendo, por variadíssimas formas, uma campanha surda e subterrânea, mas persistente, contra este conjunto de princípios que pela sua honesta existência, pode pôr em causa a sobrevivência de alguns agregados oportunistas, ou grandes grupos económicos.

Todo o ser humano é livre de crer ou não na existência de Deus, desde que haja honestidade no seu pensamento, e seguir a religião que mais se adequa à sua forma de interpretar a vida. O que já não é válido é a procura sistemática da destruição dessa crença, não por uma argumentação positiva e séria, mas antes evidenciando à exaustão, os erros cometidos pelos homens que as constituem, quando são por demais conhecidos os defeitos inerentes à condição humana.

É sabido, quer se acredite, quer não, que a religião é um repositório de princípios morais que rege as relações individuais de modo a formar o homem como um ser fraterno, pronto a auxiliar, sem esperar contrapartidas, o seu semelhante. Ora isto está em completo desacordo com grupos onde o amor é prioridade para dar satisfação aos mais estranhos desígnios. É o slogan do "tudo é válido" não importa os meios utilizados. Por outro lado, o capital procura rentabilizar os seus investimentos triturando toda e qualquer imposição social que lhe possa causar sombra e, por isso, uma acção que seja sinónimo de justiça no trabalho, representa uma diminuição dos lucros que é preciso combater.

Os extremos unem-se no combate a uma ameaça comum.

A Pátria, hoje em dia, é um conceito ultrapassado para todos aqueles que sobrepõem a matéria ao espírito. Longe vai o tempo em que havia uma interioridade que fazia sentir orgulho do local em que se nasceu, das tradições, dos avós, e dos antepassados que a escola ia mostrando através duma história ímpar, recheada de exemplos de fazer inveja a todo o mundo.

As novas gerações nasceram já sob a égide das União Europeia e, por esse facto, e porque a escola que nos foi imposta adulterou muitos dos factos que deram origem à situação actual, perderam o sentimento de amor à terra onde nasceram e habituaram-se a aceitar como boas todas as directivas oriundas de Bruxelas. E o mais curioso é que dirigentes que deveriam pugnar pela defesa dos interesses do povo a que pertencem, traíam a sua confiança e, por cobardia, medo, incompetência, ou, o que é bem pior, com a cupidez de futuras colocações internacionais, aceitem, sem pestanejar, todas as imposições que lhe são colocadas. E, assim, a pouco e pouco, vai-se perdendo um sentimento que Camões retratou em versos sublimes.

Restaria a Família se os ataques também não a atingissem com o ímpeto da ferocidade de mentes para quem tudo deveria ser permitido. Aliás, sendo a família um dos sustentáculos da igreja, seria de estranhar que não sofresse dos mesmos ataques.

Então, com a persistência do obstinado, aprova-se uma lei do aborto que, sem ter em atenção qualquer princípio moral, apenas promove a livre promiscuidade, como forma de satisfação de desejos primários.

Depois, facilita-se, ou até se incentiva, o divórcio, como arma que elimina o matrimónio, que passa a ser considerado um mero acto de papel passado, sem consistência e sem valor. Em sua substituição os termos, junto, amigo, companheiro, namorada e tantos outros, passam a fazer parte da terminologia do quotidiano.

Finalmente, e numa estranha contradição, o casamento gay é autorizado, depois de longas e enfadonhas dissertações sobre liberdades e direitos, sem que, curiosamente, todos aqueles grupelhos que mais se encarniçaram na defesa desses valores, alguma vez tivessem falado em deveres. É que estes são só obrigações de outros, isto é, do povo que tem o dever de aceitar tudo o que lhe é imposto, incluindo a libertinagem legalizada.

Deus, Pátria e Família, e as gerações vindouras ainda virão a perguntar, intrigadas, o que isso quererá dizer.

António Barroso (Tiago)

Parede/Portugal



Um sentir diferente
António Barroso (Tiago)

Ser poeta é ver azul o céu cinzento
E vaguear, sem rumo, quando apraz,
Rasgar, com raiva, o verso que se faz,
Escutar, calado, a doce voz do vento.

Ser poeta é, na derrota, ter esperança,
E na desgraça ser sempre confiante,
Cheirar, com prazer, a flor brilhante,
Sonhar com o amanhã, como a criança.

Ser poeta é admirar o beija-flor
Sugando o néctar em voar feliz,
É ser adulto com mente de petiz
E a cada mulher prometer amor.

Ser poeta é chorar na despedida,
Viver cada minuto em liberdade,
Sentir a alma repleta de saudade,
Respeitar a morte por amor à vida.

Ser poeta é expressar toda a tristeza
Em palavras, para muitos, sem sentido,
É ver no arco-íris, tão colorido,
Sete cores diferentes de beleza.

Ser poeta é querer tudo, não ter nada,
Mendigo, a todo o preço, de afeição,
Fugindo, com pavor, da solidão,
Trazendo sempre a alma enamorada.

Ser poeta é gostar de toda a gente,
Ter, do mundo, visão de paraíso,
Ser boémio, tresloucado, sem juízo,
E não seguir ninguém, ser diferente.

Ser poeta é querer e não ter calma
P'ra esperar o momento tão sonhado,
Ficar p'lo Dom da vida deslumbrado,
Ser poeta, afinal... é estado de alma.

Parede - Portugal



A VOZ DA PRIMAVERA
Carmo Vasconcelos

Já vão partindo as noites invernosas,
Os dias tristes de humores enevoados,
Degelam as correntes, caudalosas,
Furam a terra os brotos encubados.

Regressam andorinhas migratórias,
Os céus revestem mantos de esplendor,
Ao Pai Celeste sobem oratórias,
Das aves em seus cantos de louvor!

É a nova Primavera a despontar,
Que, sem palavras, vem pra nos dizer,
Da natureza, o eterno renovar,
Que da aparente morte há renascer!

Ouçá-se dela a fala da razão!
- Que a morte é só... da vida uma estação!

Lisboa/Portugal
21/Março/2011

A Primavera e a Orquestra
Fahed Daher

Pare um momento só a carruagem louca
da busca do dinheiro e do poder.
Veja que a nossa vida é breve e muito pouca
a chance de viver para viver.

Encontre tempo para olhar o céu,
apague as luzes todas que há ao seu redor,
aguce o ouvido d 'alma que você esqueceu,
procure, no universo, um bem maior.

Escute o som harmônico de estrelas,
os cânticos corais das brisas tão macias.
Há luzes faiscantes e tão belas
no embalo levitante de alegrias.

Aguce seus ouvidos e da su' alma,
esqueça o chão, esqueça a luz... Apaga...
Fite as estrelas, fite - as com calma
e sinta de começo, notas vagas...

É primavera. Eclode em tudo a vida,
nas folhagens, nos talos e nas flores,
na orquestração sublime que convida
a viajar nos mundos multicores..

Há nos trovões, também, toda a estridência
dos tambores da orquestra celestial,
compondo a sinfonia da existência
da primavera, augusta e triunfal.

Eclode a vida nas marés, vertentes,
nas vagas, nas marolas e nos rios,
no murmurar dos riachos e nos pios
das aves tagarelas e contentes.

Tomando os instrumentos do universo
numa orquestra de anjos e de arcanjos
em sonatas, alegros, melodias,
compondo partituras com arranjos,
são repetidas pelos mais diversos
espíritos de luzes e harmonias
que nos trazem aqui, na nossa espera,
todo esplendor dos sons da primavera.

A natureza é um grande palco multicores
onde estão trompas, vozes e violinos,
violas, violoncelos, harpas e tambores
e flautas... E um maestro de sentidos finos
que pode ser você, sozinho, num cenário,
buscando a voz de Deus, num campo, solitário.

01 de 10 de 1.998/ 23,30 horas.



TEMPO DE QUARESMA!
Carmo Vasconcelos

Das Cinzas salta o tempo prá Quaresma,
Rumo à glória da Páscoa promissora,
A elevar-nos, Divina por si mesma,
Aos cumes da Verdade redentora.

Êxtase do Cristo em ressurreição!
Alvorada que já se faz sentir,
Fazendo repensar todo o pagão,
Seus desmandos ateus, que urge remir!

E a renascida flama de Jesus,
Virá trazer-lhes uma nova luz,
Seus ímpios corações há-de tocar...

Pois todo o ser humano é um altar
Onde a fé, se ora em cinzas, não reluz...
Aos eflúvios da Páscoa, há-de se atear!

Lisboa/Portugal
Março/13/2011

La Poesía Actual y el DADAISMO
María Sánchez Fernández – ESPAÑA

**(Veja-se na página seguinte a tradução para português, por
Carmo Vasconcelos – Portugal)**

Hace pocos días, a través de una correspondencia virtual con un gran amigo mío, también Poeta del Mundo, cubano y residente en España, mantuvimos una interesante conversación en la que disertamos muy amplia y ricamente sobre la poesía actual y la forma de expresión del poeta en nuestros días (él llama a la forma de escribir sus versos “coloquial, informal, un recogimiento en retazos de la vida cotidiana”). Todo esto nos condujo sin remedio a un tema muy interesante:

El DADAISMO; es decir, “la oposición a la razón”.

Allá, a principios del siglo XX, un grupo de jóvenes poetas parisinos, encabezados por el rumano Tristán Tzara, se hallaban reunidos en un café en agradable tertulia y entre bromas y ambiente desenfadado surgió como una explosión volcánica un nuevo movimiento cultural que se caracterizó por borrar todos los cánones y convencionalismos ya establecidos en el arte y en la literatura en general provocando unas técnicas de rebeldía y aniquilación de la belleza. Su cometido era la destrucción de la lógica.

Pues bien. DADÁ ¿Que significa DADA?

Pues DA-DA son las primeras sílabas que pronuncia un niño cuando quiere empezar a hablar. Él intenta con este balbuceo expresar un sentimiento, quiere hacerse entender con un lenguaje incipiente que es imposible descifrar. Nadie lo entiende... DA-DA...

De ahí, de esas dos inocentes sílabas nació el concepto de DADAISMO.

El DADAISMO fue un fenómeno con una fuerza extraordinaria que se extendió rápidamente en todos los campos de las artes. Si empezó en un ambiente literario, como en broma, pronto caló e influenció en la música, la pintura, la escultura, la literatura, el teatro, la poesía y hasta en la forma de hablar de las gentes.

He leído que el CUBISMO y el DADAISMO confluyen en un mismo punto. ¡Cuántos maravillosos artistas del pincel plasman sus temas en estas formas de expresión. Son coloristas, imaginativos ¡pero tan difíciles de entender cuando pintan una imagen, una naturaleza muerta, una puesta de sol...! Dicen con fuerza expresiva DA-DA, pero ¿todo el mundo los comprende?

Dicen que le IMPRESIONISMO pudiera ser un antecesor o precursor del DADAISMO, algo con lo que no estoy de acuerdo. Si el DADAISMO expresa el inconformismo en todos los campos socio – culturales; son los “antitodo”, en la pintura el IMPRESIONISMO es la renovación de la belleza en una brillante imaginación llena de luz y colorido dándole a las formas un halo un tanto especial aunque nunca salido de la más hermosa realidad.

En la música el DADAISMO hizo mella. Destacados compositores de principios del siglo XX basaron sus obras en temas llenos de disonancias y estridencias que no llegan ni calan en todas las personas. Son difíciles de asimilar; crisan los nervios. Todos mis respetos para ellos porque son grandes de la música, pero la música, estoy convencida que es para elevar la conciencia a un estado de paz.

Poseo una biblioteca bastante nutrida en la que tengo obras de varios autores universalmente conocidos de aquella época de principios de siglo XX y que están inmersos en el más puro DADAISMO. Los he leído más de una vez, pero cuando termino el libro caigo en una gran depresión. Son muy particulares en su forma de escribir por tener una imaginación extremadamente excéntrica y enfermiza que me inducen a pensar en mundos irreales que me llevan a una especie de desaliento que hace que el ánimo se me venga por los suelos.

Y en la Poesía. ¡Ay en la poesía! Hay mucho DADAÍSMO en la poesía actual.

El poeta escribe, quiere elevarse y darle forma al verso, pero lo destruye con un vocabulario que está fuera de los cánones poéticos. Con esto no quiero decir que no se exprese libremente, que la poesía es pura y bellísima cuando es libre. El verso rimado y medido es algo maravilloso por cierto, así nos lo enseñaron los clásicos, y la expresión poética, lo que se llama “poesía”, es otro algo muy distinto. Tan loables son el uno como el otro pero el poeta debería intentar llevar siempre un mensaje de belleza en sus palabras escritas. Escribir un poema no es poner un texto cualquiera, que apenas dice nada, en una serie de palabras superpuestas en forma de versos, tiene que llevar un mensaje que diga “poesía”.

Ahí está el fenómeno del DADAÍSMO que a través de un siglo sigue vigente en nuestros días.

Úbeda, 1 de Febrero de 2011

María Sánchez Fernández – Cónsul Poetas del Mundo Provincia de Jaén – ESPAÑA

http://www.poetasdelmundo.com/verInfo_europa.asp?ID=3170



María Sánchez Fernández - É espanhola e andaluza, nascida em Almería e educada em Úbeda (Jaén), onde reside, trabalha e escreve. Decoradora, escritora e poeta. Estudou composição, armónia e piano com seu pai, notável músico e compositor. Foram-lhe outorgados vários prémios literários e é autora de letra e partitura de várias composições musicais.

É a nova colaboradora da revista eisFluências, como escritora-correspondente em Espanha.

A Poesia Actual e o DADAÍSMO
María Sánchez Fernández – ESPAÑA

Tradução de Carmo Vasconcelos - Portugal

Há poucos dias, através de correspondência virtual com um grande amigo meu, também Poeta Del Mundo, cubano e residente em Espanha, mantivemos uma interessante conversa em que dissertámos ampla e ricamente sobre a poesia actual e a forma de expressão do poeta em nossos dias (ele chama à forma de escrever seus versos, “coloquial, informal, um apanhado de retalhos da vida quotidiana”). Tudo isto nos conduz inevitavelmente a um tema muito interessante:

O DADAÍSMO; quer dizer, “a oposição à razão”

Em princípios do século XX, um grupo de jovens poetas parisienses, encabeçados pelo romeno Tristan Tzara, encontravam-se reunidos num café em agradável tertúlia, e entre brincadeiras e ambiente descontraído, surgiu como uma explosão vulcânica um novo movimento cultural que se caracterizou por eliminar todos os cânones e convencionalismos já estabelecidos na arte e na literatura em geral, provocando técnicas de rebeldia e anulação da beleza. O seu propósito era a destruição da lógica.

Pois bem. DADÁ? Que significa DADÁ?

DA-DA são as primeiras sílabas que pronuncia uma criança quando quer começar a falar. Ela intenta com esse balbuciar, expressar um sentimento, quer fazer-se entender com uma linguagem incipiente que é impossível decifrar. Ninguém a entende...

DA-DA...

Daí, dessas duas inocentes sílabas, nasceu o conceito de DADAÍSMO.

O DADAÍSMO foi um fenómeno com uma força extraordinária que se estendeu rapidamente a todos os campos das artes. Começou num ambiente literário, de brincadeira, mas de pronto influenciou a música, a pintura, a escultura, a literatura, o teatro, a poesia, e até a forma de falar das pessoas.

Já li que o CUBISMO e o DADAÍSMO confluem num mesmo ponto. Quantos maravilhosos artistas do pincel plasmam os seus temas nestas formas de expressão! São coloristas, imaginativos, mas tão difíceis de entender quando pintam uma imagem, uma natureza morta, um pôr-de-sol...! Dizem com força expressiva DA-DA, mas, será que todo o mundo os compreende?

Dizem que o IMPRESSIONISMO pode ter sido um antecessor ou precursor do DADAÍSMO, algo com que não estou de acordo. Se o DADAÍSMO expressa o inconformismo em todos os campos socio-culturais; é o “anti-tudo”; na pintura, o IMPRESSIONISMO é a renovação da beleza, numa imaginação cheia de luz e cor, dando às formas um halo todo especial, ainda que, nunca saído da mais formosa realidade.

Na música, o DADAÍSMO falhou. Destacados compositores dos princípios do século XX basearam as suas obras em temas cheios de dissonâncias e estridências que não impressionam nem chegam a toda a gente. São difíceis de assimilar; crispam os nervos. Todos os meus respeitos para eles, porque são grandes da música, mas a música, estou convencida que é para elevar a consciência a um estado de paz.

Tenho uma biblioteca vasta, na qual tenho obras de vários autores universalmente conhecidos daquela mesma época de princípios do século XX, e que estão imersos no mais puro DADAÍSMO. Li-os mais do que uma vez, mas quando termino o livro caio numa profunda depressão. São muito particulares na sua forma de escrever, por terem uma imaginação extremadamente excêntrica e doentia, que me induz a pensar em mundos irreais que me levam a uma espécie de desalento que faz com que o ânimo me caia aos pés.

Na Poesia... Ah, na Poesia! Há muito DADAÍSMO na poesia actual.

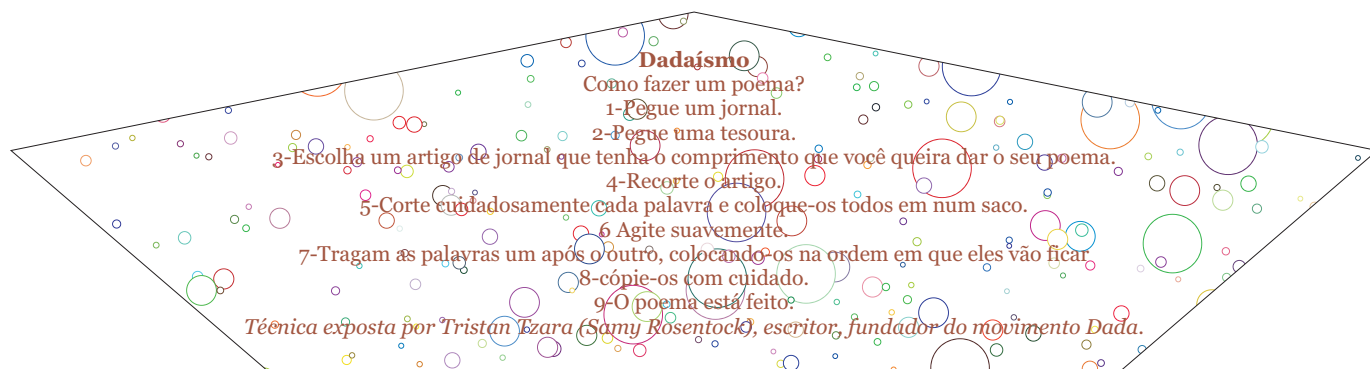
O poeta escreve, quer elevar-se e dar forma ao verso, mas acaba por destruí-lo com um vocabulário que está fora dos cânones poéticos. Com isto não quero dizer que não se expresse livremente, que a poesia é pura e belíssima quando é livre. O verso rimado e medido é algo maravilhoso, certamente, assim nos ensinaram os clássicos, e a expressão poética, o que se chama “poesia”, é uma outra coisa muito diferente. Tão louváveis são uns como outros, mas o poeta deveria tentar levar sempre uma mensagem de beleza nas suas palavras escritas. Escrever um poema não é colocar um texto qualquer, que nada diz, em uma série de palavras sobrepostas em forma de versos, tem de levar uma mensagem que diga “poesia”.

Aí está o fenómeno do DADAÍSMO que, através de um século, segue vigente em nossos dias.

Em 30 de Março 2011

Carmo Vasconcelos – Poeta Del Mundo - Lisboa/Portugal

http://www.poetasdelmundo.com/verInfo_europa.asp?ID=1650



ELE FOI MEU ALUNO

Luiz Poeta

Luiz Gilberto de Barros – especialmente para a revista eisFluências
Da série “Textos de Provas”

Às vezes fico pensando sobre a vida da gente neste cantinho de planeta chamado sala de aula...

Fico imaginando o que mais podemos esperar desse mundo tão conturbado, repleto de violência, medo e sonhos frustrados por uma bala perdida, uma agressão desnecessária ou por um acidente provocado por um carro desgovernado...

Aí vem a pergunta: - Além da relação das pessoas com Deus, o que mais pode ampará-las nos momentos mais difíceis? Será que a gente consegue sobreviver no meio de tanta má informação, tanto desrespeito pelas normas sociais, tantas mentiras e demagogias?

Os políticos mentem, as autoridades mentem, alguns religiosos mentem... e nós, como ficamos? Em quem devemos acreditar? Como devemos nos comportar?

No meio dessa confusão toda, ainda restam as escolas, os alunos, os professores, os pais e as pessoas que fazem parte da nossa vida e que, no fundo, querem o nosso bem...

Na verdade, ninguém gosta de ouvir a “verdade”. É muito mais cômodo e até agradável que um professor, por exemplo, concorde ou aparente concordar com tudo que a gente faça, deixando de estabelecer limites para o nosso comportamento... mas será que ele está dizendo a verdade para nós? Será que quando o professor tenta falar a nossa própria linguagem, ele não tem uma outra intenção que não seja a de nos conhecer melhor para poder nos socorrer na hora certa?

É meio complicado, não acha?... ou será que a complicação está só na nossa cabeça tão... teimosa?

Sabe de uma coisa? Nós, educadores, também já fomos alunos, entretanto estamos aprendendo muito mais agora com vocês.

É claro que às vezes ficamos irritados, falamos alto e até gritamos para mostrar o óbvio: quem é responsável pela aula é o professor. Mas... e você?

Já parou para pensar sobre isso? Já percebeu que quando você procura ser diferente, agindo de forma errada em relação aos demais, alguém tem que repreendê-lo “verdadeiramente”?

Ou você se julga único nesse planeta de bilhões de pessoas que têm os mesmos sonhos, a mesma dificuldade, a mesma... eletricidade?

Há um pensamento que diz o seguinte: “Deus nos dá o dom, o talento Ele deixa por nossa conta”. Mas... o que é talento? É ser diferente invadindo a autoridade dos outros? É procurar reagir de modo arrogante e agressivo quando alguém não aceita a nossa indisciplina?... ou é mostrar criativamente o que a gente pode fazer de bom para a vida, para a sociedade e para nós mesmos?

Quando você estiver solto no mundo, por mais que não goste deste ou daquele professor, o tempo cobrará um preço. Será que você pode pagá-lo? Afinal, o mundo não é feito de professores... nem de pais... nem de parentes que costumam chamar a nossa atenção quando a gente erra... o mundo é implacável!

Algumas pessoas mentem para nós, outras falam a verdade, mas se nós não soubermos a diferença e aproveitar o melhor que há em cada uma delas, tudo que nos tenham ensinado terá ido por água abaixo.

Daqui a bem pouco tempo, você estará livre do seu professor, porém ele continuará falando as mesmas coisas para pessoas como você; continuará tentando mostrar o lado sensato, correto dos fatos.

E sabe o que o professor quer de você? Que você seja melhor do que ele, que seja verdadeiramente um vencedor e que ele possa admirá-lo muito mais e dizer, enfim, orgulhosamente:

- Ele foi meu aluno.

Rio de Janeiro/Br

<http://www.luizpoeta.com/>

SUBLIME MOVIMENTO

Luiz Poeta

Luiz Gilberto de Barros - *Especialmente para a Revista eisFluências*

A nossa mente nebulosa de poetas
É como um cofre que se abre sem aviso
E mostra mais que a solidão de um paraíso
Feito de ânsias e lembranças incompletas.

É nesse sonho solitário que habita
Qualquer vontade que se torne necessária
Ao nosso amor... pois quando a dor é arbitrária,
A nossa inércia ganha alma, sofre... e grita.

O coração, na intenção de ser feliz
Enxerga a vida pelos olhos da emoção,
Porém os óculos serenos da razão
Visualiza a certeza do matiz.

É na paixão que a razão se desvincula
Dessa loucura promovida pelo amor,
Viver se torna um sentimento sedutor.
Quando a vontade de amar não mais se anula.

Amar é dar o mais sublime movimento
Ao som do vento, quando finda a calmaria
E o barco abre suas velas na baía
E se liberta na leveza do momento.

Rio de Janeiro/Br

ROSAS SILENCIOSAS

Luiz Poeta

Luiz Gilberto de Barros - *Especialmente para a revista eisFluências*

Rosas sem espinhos existem... tu sabias?
Muita gente não as toca com medo dos... espinhos;
Apenas olham-lhes as cores, as folhas, as pétalas macias...
Depois se afastam, esquecem-nas... seguem seus caminhos.

Entretanto...quando alguns interessados observadores
Notam que seus caules não apresentam perigo,
Entendem-nas como raríssimas e delicadas flores
E as cortam, imergem-nas na água de solitários abrigos...

Então, no momento exato em que tentam replantá-las... que pena !

Seus botões murcham e suas folhas secam silenciosas;
Elas não se adaptam, não resistem... morrem...esta é a cena:
Num canto triste, apenas um galho seco... em vez de rosas.

Certas pessoas são assim, como flores desprovidas de defesa
E que no entanto parecem tão... terrivelmente ameaçadoras;

Elas atraem pela cor, pelo esplendor, pela beleza,
Mas morrem por tão pouco... só por serem...sedutoras.

Rio de Janeiro/Br

A QUARTA
Darlene da Costa Diniz
 Londrina/PR

Era de uma família humilde, mas extremamente honesta. Naquela época a cidade era, em sua maioria, composta de pessoas que trabalhavam na zona rural. Sempre procurava colaborar na medida do possível com seus pais, seja ajudando com a criação de seus irmãos menores ou com os afazeres do dia a dia que a sua mãe tinha e também com as obrigações que haviam sido dadas para os seus irmãos mais velhos. A casa, embora de madeira, estava sempre limpinha e bem adornada. Aquelas crianças, suas irmãs e irmãos, sempre estavam impecáveis em suas vestimentas e nunca faltava nada de comer. É claro que não havia abundância, mas o pai nunca permitia faltar nada para aqueles filhos. Quando não podia comprar determinado brinquedo, a criatividade sempre aparecia e a arte do artesanato vinha à tona para brindar aquelas pequenas criaturas, seus filhos. O pai, às vezes, em razão do trabalho de ferroviário, ficava alguns dias fora e quando retornava era aquela festa. A mãe, mais sisuda e séria, não deixava a qualidade de vida cair e mantinha todas as crianças sempre bem-educadas e ordeiras.

As tardes de brincadeiras e de passeios eram longas e divertidas. De vez em quando um ou outro se machucava, pulando de algum lugar alto ou caindo da bicicleta, mas nada que não pudesse remendar e continuar a folia. A inocência era um privilégio daquela época, como se fosse possível amarrar cachorro com lingüiça. O tempo passava devagarzinho, bem “zinho” mesmo. Naquela cidade praticamente todos conheciam a todos. Mais do que isso, cada um se importava com o outro. Que infância bonita. Parecia tudo tão perfeito.

Certo dia aquela família teve que mudar para outra cidade*. Foi uma apreensão. O local era longe para os padrões de transporte da época. As viagens só eram possíveis, para o interior, se fossem de carro, ônibus ou trem. Claro, também tinha a possibilidade do jogue e da carroça, mas... As estradas rodoviárias normalmente eram de chão batido. Muita dificuldade. A nova cidade, onde iriam morar, estava começando e a infraestrutura era precária. Aí surgiu o dilema, como cuidar de tantos filhos, ainda pequenos, numa cidade que estava começando o seu desenvolvimento e onde não tinha muitos conhecidos ou amigos? O jeito foi contar com aqueles amigos que já conheciam. Isto foi vital para o estabelecimento de residência naquele local. Passados os primeiros impactos na nova vida as coisas foram se ajeitando. Alguns anos depois, mesmo com a tragédia da morte do pai, aquela família mostrou o seu valor e, com a ajuda daqueles amigos de longa data, conseguiu comprar uma casa (sem portas e janelas) distante do centro da cidade, na periferia.

A vida era dura nessa nova realidade, mas a mãe, que era uma mulher de fibra, sábia e de muita convicção, não desistia e não admitia a palavra “desânimo”. Mais do que isso, tinha filhos obedientes e corretos (o pai tinha deixado uma base cristã sólida, antes de falecer). Dia-após-dia, aquela casa ia melhorando algo, aos poucos: uma porta aqui, uma janela ali, um utensílio doméstico aqui e outro acolá. Os filhos mais velhos, um pouco mais crescidos, começavam a trabalhar e a ajudar em casa, inclusive na educação dos pequenos. A cidade ia crescendo e aquela região onde estava a casa, antes periferia e zona rural, já recebia os primeiros sinais de urbanidade (água, luz, esgoto, etc.). A casa ia se tornando, enfim, aquela que, no futuro, todos passariam muito tempo na varanda, batendo-papo horas e horas, tendo como vista o Ipê amarelo, sempre muito florido.

A filha do meio, sempre muito criativa e hiperativa, não parava um minuto. Fazia um bico aqui e outro ali, tudo em cima de uma bicicleta. Não media esforços para ajudar os outros. Gostava de dançar e de passear em frente ao Cine Ouro Verde. Também gostava de saborear um bom e gostoso sorvete, na companhia das irmãs e amigas. Com regularidade, parava para olhar uma bela paisagem e ouvir os passarinhos assobiarem, como se as músicas tivessem sido feitas para ela. Ah! E o pôr-do-sol no Lago, que maravilha! Tinha adotado aquela cidade como sua e só sua e de seus entes queridos. O cuidado todo especial com cada um dos irmãos sempre foi uma regra, que nunca abandonou. Chorava e ficava triste sempre que sua mãe lhe chamava a atenção. Nunca esqueceu a educação de berço e, por isso, sempre foi obediente. Apesar de tudo o que aquela família havia passado, todos eram muito felizes. Logo as filhas começaram a constituir suas próprias famílias e, com isso, aumentava com genros e netos a família daquela mãe que havia criado tantos filhos e filhas. As filhas do filho mais velho (na verdade netas) também sempre estavam na casa da Vó. Que benção era ver todos reunidos! Às vezes um ou outro não podia ir, mas sempre dava um jeito de aparecer em outra ocasião.

Êta, que família abençoada! Deus sempre esteve presente. Alguns da família, de tanta unção, o Senhor quis que eles ficassem bem pertinho DELE na Glória! Oh, Glória! Mas a história não termina aí não! Muito pelo contrário: Um novo capítulo está surgindo na vida desta (outrora filha do meio e A QUARTA) mulher, mãe, sogra e, daqui a pouco, VÓ.

*A mudança foi de Ourinhos em São Paulo para Londrina no Paraná. E a época inicial refere-se à primeira metade do século XX, principalmente as décadas de 1950 e 1960.



Darlene da Costa Diniz nasceu em Ourinhos/SP no dia 08/fev/1943, mas adotou Londrina/PR como sua cidade, onde mora até hoje.

É escritora e artista plástica (pintura em óleo sobre tela e em porcelana). É viúva e tem 03 filhos (dois homens e uma mulher).

Tem curso superior incompleto de design de interiores. Já foi promotor de desfile de modas. Gosta muito de plantas, flores e pássaros.

Como hobby gosta de ler e comentar sobre vários assuntos de perspectiva nacional e internacional, tais como política segurança pública, meio-ambiente, relações internacionais, etc.



Eu amo-te sem saber como, ou quando, ou a partir de onde. Eu
 simplesmente amo-te, sem problemas ou orgulho: eu amo-te desta maneira porque não
 conheço qualquer outra forma de amar sem ser esta, onde não existe eu ou tu, tão intimamente que a tua
 mão sobre o meu peito é a minha mão, tão intimamente que quando adormeço os teus olhos fecham-se.

Pablo Neruda, in "Cem Sonetos de Amor"

RESGATANDO A UTOPIA

Uma Crónica de Eugénio de Sá

Será que as novas gerações desta civilização conseguirão ainda reunir vontade e forças que, consertadas e potenciadas com novas tecnologias, e outras que porventura venham a despontar, possam (e queiram) conduzir a sociedade para um estado de perfeição?

Quando pensamos numa organização social perfeita relativamente a uma cidade, a um país, ou alargada à escala mundial, será que estamos a ser puramente utópicos? Entenda-se por utopia a ideia de uma civilização ideal, imaginária, fantástica. A palavra foi inventada na Grécia antiga e significava então o “não lugar” ou “o lugar que não existe”.

Muitos anos depois, em 1516, o inglês Thomas More serviu-se da palavra utopia para titular uma das suas obras escritas em latim. Fascinado pelas extraordinárias e apaixonantes narrações do navegador florentino Américo Vespúcio sobre o avistar da ilha de Fernando Noronha, em 1503, More decidiu então escrever sobre um lugar novo, purificado, onde existiria uma sociedade perfeita. “Uma ilha onde reina uma paz total e uma harmonia de interesses, resultado de sua organização social”. Nessa ilha, foi eliminado por completo o conflito e as suas potenciais possibilidades de materialização. Em geral, a evolução da teoria define a comunidade utopiana como uma sociedade perfeita em sua organização e completamente equitativa na distribuição dos - porventura escassos - recursos.

O utopismo, ou utopia, consiste na percepção intelectual - tida por fantasiosa pela comunidade - ao conceber em espírito, não apenas um lugar mas um vida, um futuro, numa visão diferente, optimista, muitas vezes completamente inversa à do mundo real e, portanto, absurda.

As visões, política, económica, social ou religiosa da utopia são, naturalmente, diferenciadas mas, pelo menos num aspecto, inequivocamente coincidentes: todas são permissivas à ideia da necessidade da fantasia do ser humano, da sua capacidade poética de sonhar, como se, sem ela, o homem se descaracterizasse como tal.

“A utopia é uma versão alargada de uma manhã possível”, disse-o Alberto Mendoza de Morales. Na realidade, ela consiste num plano, numa doutrina, num projecto, sempre ambicioso mas irrealizável, por absurdo, face às cautelas conservadoras das convenções em uso para o desenvolvimento da sociedade. Todavia, reconhece-se que, sendo a utopia uma ideia antecipada, ela é incitante, desafiadora, rumo à mudança, e, sem mudanças substanciais, não há desenvolvimento.

No entanto, a natural resistência à mudança cria uma controvérsia, essa sim contraditória, porque totalmente contrária à exposta lógica. Numa comunidade, num país, não haveria mudanças sem uma arriscada ponta de utopia, mesmo com alguns passos, ainda que hesitantes, dados no sentido do risco menos calculado. É essa rebeldia ao conservadorismo caduco e imobilista que pode operar autênticos milagres na economia de um país ou de uma região economicamente comunitária.

Assim temos visto operar alguns países que conseguem emergir do anonimato político-económico para se tornarem nações progressistas, em vias de desenvolvimento. Digamos que essas forças renovadoras e inconformistas souberam ver e responderam ao apelo de outros mais prósperos horizontes e foram felizes na sua aventura a caminho do futuro. Pode, no entanto, ocorrer o inverso; o malogro da exequibilidade de uma proposta temerária que resvale na irresponsabilidade, com os nefastos resultados daquilo que então será chamado de “fracasso aventureirista” pelos mais conservadores e que levará inevitavelmente os seus autores à punição com um afastamento coercivo dos círculos do poder, por largo tempo.

Mas, o que seria um plano de desenvolvimento sem objectivos ambiciosos, sem uma proposta de metas difíceis, ou mesmo consideradas “impossíveis”, pelos cínicos defensores do imobilismo rotulados de cautelosos? – Uma monotonia, certamente não mobilizadora de vontades, de trabalho e de talento, para as levar por diante. E um governo de gente inerte e calaça tem os seus dias contados. O rotinismo, a inacção e a preguiça são a negação do arrojo da projecção para a frente, nem fazem brotar ideias - força, essenciais à resolução de problemas que ajude a melhorar as condições de vida das populações. O país onde isso ocorra é um país travado e invariavelmente a caminho de um dramático descalabro.

O homem tem de sonhar, de assumir a sua fantasia, para empreender, para se transcender, para fazer que a sua vida e a dos que dele dependem valha a pena ser vivida, tal como o Criador o pensou. Resgatemos, pois, a utopia, e sejamos orgulhosos de a haver resgatado.

*Bogotá, Colombia,
21 de Janeiro de 2010*

ALÉM DA NASCENTE

Eugénio de Sá

Consideremos a vida como um rio
Onde vogamos leves na corrente
Há seixos e entraves pela frente
E trememos de medos e de frio

Mas é próprio do homem enfrentar
C'o a bravura que o pavor lhe dá
As pedras, e os segredos de Yemanjá
Mesmo nadando de costas pro mar

E então o desafio é descobrir
Até onde o seu esforço o levará
Para lograr alcançar a nascente

Ir mais além do que previu subir
E ver c'o coração o que mais há
Pra lá da intuição do consciente

*Bogotá/Colômbia
Dezº2010*

ALMA MINHA, SUBTIL...

Eugénio de Sá

Que subtis refúgios a alma esconde
Quando promíscuo o senso a perscruta
Sem saber nela como e nem aonde
Procurar causas do que o ser matuta?

Que ténues mecanismos serão esses
Que engenhosos, hábeis, perspicazes
Produzem na consciência tais reverses
Que calam os mais sábios e loquazes?

É que, tendo a alma a tal prerrogativa
De se encontrar com o pélago da mente,
Mesmo sem do absoluto ser cativa,

Temos de considerar ser procedente
D'Espinosa a norma subjuntiva;
Que a alma é do divino consequente!

*Bogotá/Colômbia
Fevº/2011*



Divulgação do nosso colaborador - Professor Marco Bastos

Campo de Flores

.....

Era o tempo de terra.

Onde não há jardim, as flores nascem

De um secreto investimento em formas improváveis.

.....

Carlos Drummond de Andrade.

O trabalho de Vania de Castro Moreira é uma exaltação à vida.

Associando competência e responsabilidade profissional à sensibilidade e à inspiração da poeta e artista, depara-se diariamente em seu cotidiano-de-fogo com o ingente desafio de manter acesa a chama da vida.

Quando sofre o corpo é preciso que a mente ganhe dimensões de Universo.

Psicóloga, mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP, professora universitária, optou por complementar seu trabalho técnico com o despertar da poesia, para aprimorar e deixar fluir a capacidade de expressão de sentimentos e sensações que permanecem intactos embora perplexos diante de desígnios de que não se conhece a origem.

Em seu trabalho divide-se entre atividades de consultório, atendimento domiciliar, docência em cursos de pós-graduação na UNIFESP, participa de atividades culturais e é palestrante em Congressos de sua profissão. Encontra tempo para observar a natureza cheia de sabiás, dracenas e jacarandás-mimosos e dedicar-se à família e aos seus pequenos animais de estimação.

Para estimular seus pacientes e mantê-los integrados e em atividade social, criou a Comunidade (www.comunidadeelabrazil.ning.com) onde reúne pessoas em condições e situações diferenciadas, todas comprometidas com a prática da solidariedade.

Sobre essas coisas, a seguir, nos fala Vania.

Marco Bastos



ESCLEROSE LATERAL AMIOTRÓFICA E A POESIA

Vania de Castro Moreira



E a querida Cecília Meireles nos diz: “Mas a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada!”

Este verso faz parte do poema Reinvenção e é um dos meus preferidos. Verso especial me acompanha à noite ou em momentos nos quais tenho a sensação de não dar conta do recado. Penso então, no grande presente que ganhei - ser humano é ser capaz de reinventar a vida - e a minha vida é recheada de momentos que são reinventados a cada minuto.

Formada em Psicologia Clínica desde 1980 e atuando na área, iniciei em 2001, o trabalho no ambulatório de esclerose lateral amiotrófica (ELA), no Setor de Investigação em Doenças Neuromusculares, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Os clientes passavam de médico em médico durante mais de dois anos até conseguir fechar o diagnóstico. A doença era conhecida por poucos profissionais, a maioria deles desenvolvendo pesquisas em hospitais-escola. Hoje a situação é diferente, o diagnóstico é fechado em menor tempo, principalmente nos grandes centros urbanos. No entanto, ainda estamos distantes da atenção necessária às pessoas com ELA e seus familiares.

A esclerose lateral amiotrófica (ELA) aprisiona a pessoa em si mesma pela atrofia da musculatura, devido ao comprometimento dos neurônios motores. O pensamento, sentimento, desejo, sensibilidade, espiritualidade, em geral, são preservados. Com o passar do tempo, as pessoas desenvolvem a ampliação da consciência e dos órgãos dos sentidos e isso lapida o seu jeito de expressar, pensar e observar o mundo. Assim, os conteúdos internos potencializam-se e todos os acontecimentos à sua volta são percebidos com intensa emoção e detalhes.

A vida sem movimento corporal é diferente da vida que estamos habituados a viver. A pessoa com ELA aprende a viver outra dimensão da existência humana, que muitas vezes, quem se movimenta não consegue assimilar essa possibilidade.

Entretanto, para que tudo o que está em seu interior seja externalizado é necessário um facilitador que poderá ser um cuidador, familiar ou profissional que registrará o que é dito por meios diferentes da comunicação usual - tabelas visuais ou softwares especializados para tal fim. Aí surgem os sentimentos, desejos, emoções e o facilitador torna-se um instrumento de realização do que a pessoa não pode fazer ou expressar verbalmente.

A todo o momento, surpreendo-me com o desejo de viver, criatividade, força e alegria evidentes em pessoas que estão com ELA. Muitos até, em estado considerado clinicamente grave saem para passear mesmo fazendo uso de ventilação mecânica não-invasiva, em cadeiras de roda ou maca.





Mostram a todos que a vida pode ser vivida com dignidade, amor, apoio e segurança. Outros ficam na própria residência e mantêm-se conectados aos acontecimentos mundiais. Alguns continuam atuantes profissionalmente com a ajuda de cuidadores e aparelhos, divertem-se, lêem e escrevem livros, assistem filmes, interagem com outras pessoas de outras cidades e países, alegram-se, entristecem-se, vivem e lutam pela vida.

O uso da Internet é algo essencial, aumentando as possibilidades de contato social. Mas há pessoas que não se adaptam ao computador e fazem uso de uma tabela visual que contém o alfabeto, números, acentos e pontuação.

A comunicação entre a pessoa e o cuidador, profissional ou familiar é feita letra por letra com a combinação de códigos oculares ou alguma parte do corpo com movimento preservado - forma-se a palavra e depois a frase. É necessária muita paciência dos dois lados. Algumas pessoas, em estado muito grave comunicam-se por meio do piscar das pálpebras, outras apenas com sutis movimentos do globo ocular, uma vez que perderam, também, o movimento dos olhos. E as etapas de evolução da doença variam de pessoa a pessoa.

Em 2005, quatro pessoas do sexo masculino, acometidas por ELA, mantinham contato, via e-mail e idealizaram a comunidade virtual, Comunidade ELA/ALS-Brasil. Surtiu efeito e a troca de informações e conversas tornou-se freqüente. Todos os assuntos eram discutidos e não apenas a doença. A partir daí, em abril de 2010 criei a [Comunidade ELA Brasil](http://www.comunidadeelabrazil.ning.com). Cada pessoa que se registra tem espaço para usá-lo como quiser. No entanto, o aspecto que considero mais importante é a troca de experiências, informações e afeto.

O site é composto de várias seções: página principal, minha página, membros, fotos, vídeos, eventos, blogs, notas, grupos e bate-papo. Nos grupos, cada integrante participa de acordo com o seu gosto, crença ou interesse. Temos os seguintes grupos: Entrevista, Espaço Religioso, Poesias de Ontem e de Hoje, Músicas que Tocam o Coração, Eu e ELA, Pesquisas, Cantinho de Mensagens de Paz e Esperança, Cantinho do Riso, Roda de Leitura e Blogs Amigos.

O site tem como objetivos proporcionar o relacionamento, diminuir o isolamento social, aprofundar a troca afetiva, entre outros. Participar do site faz bem a todos. Indivíduos de várias regiões do nosso e de outros países interagem, se encontram, se solidarizam num lugar democrático, no qual todos têm vez e voz e todos são bem-vindos.

Mas você poderá estar se perguntando agora: e o que tem isso a ver com poesia?

A poesia é um recurso de extrema relevância, porque por meio dela a expressão daquele que não fala como eu e você, está carregada de simbologia e pode exteriorizá-la em poucas palavras. Desta forma, é possível sentir o movimento, o toque, o abraço, o calor humano que está lá dentro daquele coração pulsante num registro significativo e cheio de vida. As palavras registram as emoções, o jeito de ver o mundo e as pessoas.

Uma das atividades que desenvolvo, tanto da comunidade virtual quanto no ambulatório é a Oficina Psicoterapêutica de Poemas Coletivos. Criar poemas coletivamente é uma forma de dar vazão à empatia e aceitar o outro como ele é, compreender e encontrar pessoas num processo de redescobrir e valorizar a vida e suas circunstâncias.

Trabalhar com pessoas com ELA, cuidadores e familiares criando poesias em conjunto é um jeito de ajudá-las a expressar o que está, por vezes, escondido na alma. Poucas palavras, muitas vezes, mas com muito significado. Seja escrever acerca da alegria, tristeza, lembranças, desejos, tudo é válido e é terapêutico, por ser uma forma de expressão que mobiliza conteúdos psíquicos e leva as pessoas a refletirem sobre o que querem registrar por meio das palavras.

Vania de Castro Moreira – SP/SP Brasil

Psicóloga, poeta, escritora. Autora do livro *Esclerose Lateral Amiotrófica: poemas de vida e esperança*, São Paulo: Espaço Editorial, 2004. www.comunidadeelabrazil.ning.com

TARDE DE OUTONO **Vania de Castro Moreira**

Tirei a sandália
Para pisar na terra
Senti a grama

Tirei os óculos escuros
Para enxergar o dia
Senti o sol

Tirei as luvas
Para tocar teu corpo
Senti a pele

Tirei a máscara
Para saber quem sou
Sou assim

POEMA COLETIVO PRIMAVERA**Comunidade ELA-Brasil**

23 de setembro de 2010

Frio sombrio passou como as águas do rio
Eis que despertam as flores, as cores, os odores

É primavera!

Primavera que nos traz por herança a esperança
(*Maria José Del-Ducca*)

Primavera

Momento de inspiração, momento de criação,
de recriação, de nascer, de renascer, de viver e sonhar
(*Silvia e Flávio Conejero*)

No limiar da primavera,
Deus fala conosco todas as madrugadas,
Enviando-nos o SABIÁ LARANJEIRA
Que com seu lindo cantar,
Um novo dia vem anunciar.
(*Rubem e Lorena Heidrich*)

A natureza mais perfumada ficou,
a mais bela das estações do ano chegou!!!
"Seja bem-vinda Primavera"
(*Maurílio Pereira*)

Primavera
Minha estação preferida
Presente em nossas vidas
Perfuma o ar de nossos dias
Trazendo muita alegria.

Primavera de mil cores
Faz-nos lembrar de tantos amores
Presenteada pelo Mestre Divino
Vamos recebê-la, entre os amigos

Amigos que fiz em outras estações
E que permanecem (pra sempre) em meu coração
Cada um de vocês é uma flor,
Que cuido no meu jardim, com imenso amor!
(*Rosely Colombo*)

Brilho e Luz.
Harmonia e aconchego.
Campos e matas floridas.
Canto de pássaros.
Vida!
E primavera.
(*Carlos H. Menezes*)

A primavera renova-se a cada dia
E revela-se como um momento de Deus em nossas vidas
(*Eliane Alves de Jesus*)

Eu acredito no ser humano
Que tira de si com sacrifício
As mais lindas flores
Fazendo assim a sua primavera
(*Gilda Conejero*)

Para a Primavera receber,
A Mestre Vania uma linda Poesia vai tecer,
Com a participação da Comunidade,
Esta Bela Estação descrever.
(*Rubem e Lorena Heidrich*)

Com flores coloridas
Renovação vai acontecer
Em cada um, em cada vida
A primavera querida
De amor, alegria e paz
os corações vai preencher
(*Vania de Castro Moreira*)

LÍNGUA**Vania de Castro Moreira**

20 de junho de 2002

Minha língua pesa na minha boca
Boca, língua, pesa
Pesa
Língua
Boca
Não rima
Não fala de amor
Língua e boca
Boca e língua
Sem palavras de amor
Só dor
À noite, quando durmo
Minha boca abre
Não fecha
Abre
E a saliva escorre
Corre
Corre
Sem o meu comando
Já não mando
Ando sem encanto
Não canto
Minhas pernas
Não sustentam meu peso
E pesa a língua na boca
Meus braços não seguram o peso
E pesa a língua na boca
Mão oca
Ainda penso e expresso
Meus pensamentos
Meus sonhos medonhos
Ainda amparo a minha tristeza
Ah... mas, às vezes,
mesmo à noite com todo o peso da minha dor
Lembro-me das flores,
Lembro-me ainda do dia em que as levei para casa
O vasinho ficou florido uma semana inteirinha...
As flores ficaram vivas
Minha esposa falou animadamente no grupo
Ah... as sementinhas ficaram e ainda brotaram...
Estão cheias de vida
E estamos vivos
Tão vivos como as flores!

A REENCARNAÇÃO E A ESCOLHA DO SEXO

Humberto Rodrigues Neto

Quando estivermos na erraticidade, teremos a oportunidade de examinar todas as nossas vidas anteriores, de reconhecer ou identificar todas as falhas cometidas e as virtudes cultivadas anteriormente, e, também, de traçar planos para não voltarmos a reincidir nos mesmos deslizes e de continuarmos aperfeiçoando nossas boas qualidades. Chegará o momento, enfim, de tomar uma decisão sobre o tipo de reencarnação que melhor possibilite a execução do plano a que nos propusemos.

E quanto ao sexo que vamos ter? Podemos optar também nesse pormenor?

Claro, pois aí também prevalece nosso livre-arbítrio, a menos que tenhamos nos entregado a uma vida dissoluta e feito do sexo não uma forma de sublimação, mas de abuso, degradação e constrangimento contra aqueles que tenham compartilhado de nossas vidas materiais. Em tais condições, a reencarnação em novo sexo poderá nos ser imposta, a fim de que possamos resgatar os sofrimentos morais que tenhamos causado ao nosso cônjuge.

Como o assunto é delicado, nada melhor que consultar, sobre a matéria, um dos maiores expoentes do espiritismo em todos os tempos: Léon Denis.

Diz ele em seu livro O Problema do Destino, Capítulo 1, que alguns estudiosos admitem ser interessante a alternância dos sexos para obtermos tanto as qualidades de um, como de outro.

Todavia - prossegue ele - de acordo com as instruções de seus mentores e de entidades espirituais elevadas, a mudança de sexo, sempre possível para o espírito, é, em princípio, inútil e perigosa.

A um simples olhar - continua - é fácil reconhecer pessoas que numa vida anterior tinham sexo diverso do atual, pois são sempre excêntricas e não normais.

Assim, temos as viragos, de voz, gostos e atitudes masculinas, algumas das quais apresentam barba no mento, aquela região sob o lábio inferior. Elas nada têm de estético, nem de sedutor. Trata-se, evidentemente, de homens reencarnados.

O mesmo acontece com homens efeminados, que denotam, nos traços, na voz e nas atitudes, todas as características femininas.

Quando um espírito se habituou com um sexo, não é bom para si sair daquilo que se tornou a sua natureza.

Além disso, muitas almas juntam-se em pares, propondo-se a evoluir unidas para sempre, tanto na alegria como na dor, sendo chamadas de almas irmãs, dando a outras almas exemplos de um amor fiel, inalterável e profundo.

Temos exemplos admiráveis desses casos. Ora, que seria de sua afeição, de seu destino, caso a alternância de sexos fosse uma necessidade, uma lei?

Entendemos que - prossegue Léon - pelo próprio fato da ascensão geral, os nobres caracteres e as altas virtudes irão se multiplicar nos dois sexos ao mesmo tempo.

Finalmente, nenhuma qualidade será a característica de um sexo isolado, mas o atributo dos dois.

Da lição que nos dá Léon Denis, infere-se que, se nenhuma vantagem auferiremos da troca de sexos, o melhor mesmo é manter-nos como somos: ou másculos Sansões ou lânguidas Dalilas.

Sociedade Espírita “Eurípedes Barsanulpho”.

CDD Central de Dados da Doutrina – Disquete “Crônicas”.

Ver, também, “Homossexualismo”, neste disquete.

TEATRO DA VIDA

Humberto Rodrigues Neto

Assim como acontece no teatro,
a vida também guarda a mesma média,
pois mescla ao riso da alegria nédia
os dissabores de um momento atro.

Da vida somos, pois, o anfiteatro
de co-partícipes de uma comédia,
e dos distúrbios de uma vil tragédia
que às vezes nos atinge a três por quatro.

Mas o destino, em condição expressa,
execra aquele ator que age à pressa
toldando o brilho das encenações.

Não transige com falhas ou senões,
pois Deus, que é o próprio Diretor da peça,
não quer saber de artistas canastrões!

SãoPaulo/Brasil

HOLOCAUSTO LÍBIO

Humberto Rodrigues Neto

Quando um povo, talvez por negros carmas,
vê de um governo a liderança tibia,
faz do grito inflamado as suas armas,
assim como acontece hoje na Líbia!

Vivendo a mais ferrenha ditadura,
que ali já passa dos quarenta anos,
sente em Kadaffi a tétrica figura
do mais cruel de todos os tiranos!

Grita o estudante num clamor aflito,
grita o iletrado por melhor salário!
E a cólera extravasam num só grito
contra um biltre corrupto e sanguinário!

Numa atitude própria dos precitos,
ordena aos beleguins de sua canalha
façam calar a voz de ordeiros gritos
no pipocar dantesco da metralha!

Que Deus dê um basta ao que acontece lá,
pra que em mim cesse o ódio que demonstro!
E que recaia a maldição de Alá
sobre a figura horrenda desse monstro!

SãoPaulo/Brasil



NO PRELO A BREVE EDIÇÃO DO LIVRO “OS CANTOS DE BILÍTIS”, DE PIERRE LOUYS

TRADUÇÃO DE OLEG ALMEIDA



Pierre-Félix Louis, mundialmente conhecido como Pierre Louÿs, nasceu em 10 de dezembro de 1870, na cidade belga de Gant. Órfão de mãe aos nove anos, foi criado pelo pai, o magistrado Pierre-Philippe Louis, e depois permaneceu sob a tutela do meio-irmão Georges, alto funcionário público em Paris. Estudou na famosa Escola Alsaciana, onde se destacou pelo amplo conhecimento das letras clássicas. Ao receber, em 1892, a herança paterna, dedicou-se à boemia e à literatura, duas paixões que perpassariam toda a sua vida, repleta de livros, viagens e amores. Estreando em 1892 com a coletânea poética Astarteia, Pierre Louÿs publicou, a seguir, sua obra magna, Os cantos de Bilítis (1894), e seu melhor romance Afrodite, cujas vendas somaram, apenas no ano de 1896, 31 mil exemplares, cifra enorme para os padrões do século XIX. Ávido por novas impressões, o escritor visitou diversos países da Europa (Alemanha, Inglaterra, Espanha, Holanda, Itália) e da África (Argélia, Egito); muito sociável e espirituoso, tornou-se amigo de André Gide, Paul Valéry, Oscar Wilde, Claude Debussy e outros artistas de renome. Casado com Louise, filha do mestre parnasiano José-Maria de Heredia, manteve uma longa relação amorosa com a irmã desta, Marie, esposa do poeta Henri de Régnier. A produção literária de Pierre Louÿs sempre foi intensa e diversificada: além das primeiras obras inspiradas na Antiguidade grega e oriental, seu legado inclui romances (A mulher e o fantoche, 1898; As aventuras do Rei Pausole, 1901; Três filhas de sua mãe, 1926), contos, poemas, artigos críticos e traduções de autores gregos. Mesmo nos últimos anos de sua vida, abatido pela morte do querido irmão (havia quem dissesse, na época, que este fosse o verdadeiro pai do escritor), doente e arruinado, ele não desistiu de sua vocação. Pierre Louÿs faleceu em Paris, em 4 de junho de 1925. Treze tomos de suas Obras completas foram lançados postumamente (1929-1931). Seus textos inéditos – diários íntimos, cartas, escritos irônicos e obscenos – continuam vindo a lume até hoje.

Oleg Almeida

EXCERTOS DE “OS CANTOS DE BILÍTIS” DE PIERRE LOUYS

TRADUÇÃO DE OLEG ALMEIDA

38. Bilítis

Uma mulher se envolve em lã branca. Uma outra se veste de seda e d'ouro. Uma outra ainda se cobre de flores, de folhas verdes e uvas. Eu cá só saberia viver toda nua. Toma-me, meu amante, como estou: sem vestido nem joias e nem sandálias, eis Bilítis sozinha. Os meus cabelos são negros por serem negros, e os meus lábios, vermelhos por serem vermelhos. Meus cachos me cingem a flutuar, livres e anelados como uma plumagem. Toma-me tal como minha mãe me fez numa noite d'amor distante e, se gostares de mim assim, não te esqueças de me dizer isso.

39. A casinhola

A casinhola, onde fica o leito dele, é a mais bela da terra. Ela é feita de ramos d'árvore, quatro paredes de terra seca e um telhado de palha. Amo-a, pois aqui nos deitamos desde que as noites estão fresquinhas; e mais as noites estão fresquinhas, mais estão longas também. Afinal, ao chegar do dia, sinto-me fatigada. O colchão está no solo; duas cobertas de lã preta embrulham os nossos corpos que se aquecem um contra o outro. O peito dele achata meus seios. Meu coração bate... Ele me aperta tão forte que acabará por quebrar-me, pobre mocinha que sou; mas desde que está em mim, eu não sei mais nada do mundo, e cortar-me-iam os quatro membros sem que eu acordasse da minha alegria.

43. O juramento

Quando a água dos rios tornar a subir às cristas cobertas de neve; quando nos regos móveis do mar semearcem cevada e trigo. Quando os pinheiros nascerem dos lagos e os nenúfares, dos rochedos; quando enegrecer o sol, quando a lua cair no relvado. Então, só então é que vou tomar outra mulher e esquecer-te, Bilitis, alma da minha vida, cerne do meu coração.””
Ele me disse, ele me disse isso! Que importa o resto do mundo! Onde estás, louca felicidade que te compares à minha?

44. A noite

Agora sou eu quem vai procurá-lo. Todas as noites, bem de mansinho, eu saio de casa e, para vê-lo dormir, tomo um longo caminho até o seu prado. Às vezes, fico por muito tempo calada, feliz apenas de vê-lo, e aproximo meus lábios dos dele para beijar tão-só seu alento. Depois me estendo, de supetão, sobre ele. Ele acorda nos braços meus e não pode mais levantar-se, que eu reluto! Ele desiste e ri, e aperta-me. Assim nós brincamos nas trevas.
... Primeira alva, ó claridade malvada, tu já vieste! Em que antro sempre noturno, em que prado subterrâneo poderemos amar-nos o suficiente para nos esquecermos de ti?..

106. Eu canto a minha carne e minha vida

Claro que não cantarei as amantes célebres. Se não estão mais aqui, para que falar delas? Não sou semelhante a elas, eu mesma? Não sonho demais comigo? Vou esquecer-te, ó Pasipháe, se bem que tua paixão tenha sido extrema. Não te louvarei, Syrinx, nem a ti, Byblis, nem a ti, pela deusa entre nós todas eleita, Helene dos braços alvos! Se alguém sofreu, só sinto um pouco de seu sofrimento. Se alguém amou, amo mais do que ele. Eu canto a minha carne e minha vida, e não a sombra estéril das amorosas já enterradas. Fica deitado, meu corpo, conforme a tua missão lasciva! Fica saboreando o gozo cotidiano e as paixões sem futuro. Não deixes uma alegria desconhecida aos pesares do dia de tua morte.

136. Canção

O primeiro me deu um colar, um colar de pérolas que valia uma cidade com seus palácios e templos, tesouros e escravos. O segundo fez para mim uns versos. Ele dizia que meus cabelos eram negros como os da noite sobre o mar, e meus olhos, azuis como os da manhã.
O terceiro era tão lindo que a mãe dele corava ao abraçá-lo. Ele me pôs as mãos nos joelhos, beijou-me o pé descalço. Tu não me disseste nada. Tu não me deste nada, porque és pobre. E não és lindo, mas é a ti que eu amo.

137. Conselhos a um amante

Se quiseses, ó jovem amigo, que uma mulher te ame, seja ela quem for, não lhe digas que a desejas, mas faz com que ela te veja todos os dias, depois vai embora para voltares.
Se ela te dirigir a palavra, sê amoroso sem pressa alguma. Ela virá, por si mesma, a ti. Sabe, então, tomá-la com força, no dia em que ela quiser entregar-se.
Quando a receberes na tua cama, negligencia teu próprio prazer. As mãos duma mulher amorosa estão trementes e sem carícias. Dispensa-as de serem zelosas.
E quanto a ti, não descanses. Prolonga os beijos até se perder o fôlego. Não a deixes dormir, mesmo que ela te peça. E beija sempre aquela parte do corpo para a qual se virarem os olhos dela.

Pierre Louijs. *Os cantos de Bilitis*. Ibis Libris: Rio de Janeiro,
Oleg Almeida, Brasília/DF, Brasil 2011
<http://www.olegalmeida.com>



PALACIO DA BOA VISTA Clóvis Campêlo



O Palácio da Boa Vista (Schoonzit, em holandês) foi construído por Maurício de Nassau, em 1643, no Recife, e era destinado ao seu repouso e lazer. Ficava situado às margens do rio Capibaribe, na Ilha de Antônio de Vaz, atual bairro de Santo Antônio, no local onde hoje se encontra o Convento do Carmo.

O nome Boa Vista foi colocado por Nassau devido à bela paisagem que podia ser contemplada de qualquer ponto do palácio.

Voltado para o poente, o edifício possuía características da arquitetura portuguesa, com linhas horizontais predominantes, telhados baixos de quatro águas e pequenas janelas quadradas. A influência holandesa se fazia notar nos quatro bastiões com telhados afunilados e na flecha do torreão com bandeira.

No centro do edifício, na parte de trás, erguia-se outro prédio, também quadrado, com dois pavimentos e três janelas em cada um deles. Entre as

janelas, havia a inscrição “Ano 1643” ao lado do escudo com as armas holandesas. Após a expulsão dos holandeses, em 1654, a Câmara do Senado de Olinda doou o edifício aos religiosos carmelitas, que ali fundaram um hospício com uma capela e posteriormente fundaram o seu convento.

Clóvis Campêlo
Recife, 2010
<http://cloviscampelo.blogspot.com>

Em comemoração dos 106 anos do nascimento de PABLO NERUDA Por Carmo Vasconcelos

Pablo Neruda nasceu em Parral, em 12 de Julho de 1904, como Ricardo Eliécer Neftalí Reyes Basoalto. Era filho de um operário ferroviário e de uma professora primária, morta quando Neruda tinha apenas um mês de vida. Ainda adolescente adoptou o pseudónimo de Pablo Neruda (inspirado no escritor checo Jan Neruda), que utilizaria durante toda a vida, tornando-se o seu nome legal, após acção de modificação do nome civil.



PABLO NERUDA
Prémio Nobel de Literatura, em 1971

Em 1906 seu pai transferiu-se para Temuco, onde se casou com Trinidad Candia Marverde, que o poeta menciona em diversos textos, como em Confesso que vivi e Memorial de Ilha Negra, com o nome de Mamadre. Estudou no Liceu dessa cidade e ali publicou seus primeiros poemas no periódico regional A Manhã. Em 1919 obteve o terceiro lugar nos Jogos Florais de Maule com o poema Nocturno Ideal.

Em 1921 radicou-se em Santiago e estudou pedagogia em francês, na Universidade do Chile, obtendo o primeiro prémio da Festa da Primavera com o poema A Canção de Festa, publicado posteriormente na revista Juventude. Em 1923 publica Crespúsculo e no ano seguinte aparece com Vinte poemas de amor e uma canção desesperada, no que ainda se nota uma influência do modernismo. Posteriormente, manifesta-se um propósito de renovação formal de intenção vanguardista em três breves livros publicados em 1936: O habitante e sua esperança, Anéis (em colaboração com Tomás Lagos) e Tentativa do homem infinito.

Em 1927 começa sua longa carreira diplomática quando é nomeado cônsul em Rangun, na Birmânia. Em suas múltiplas viagens conhece em Buenos Aires Federico Garcia Lorca e, em Barcelona, Rafael Alberti. Em 1935, Manuel Altolaguirre entrega a Neruda a direcção da revista Cavalito verde para a poesia, na qual é companheiro dos poetas da geração de 1927. Nesse mesmo ano aparece a edição madrilena de Residência na terra.

Em 1936 eclode a Guerra Civil espanhola; Neruda é destituído do cargo consular e escreve Espanha no coração. Em 1945 é eleito senador e obtém o Prémio Nacional de Literatura. No mesmo ano, lê para mais de 100 mil pessoas no Estádio do Pacaembu, em homenagem ao líder comunista Luís Carlos Prestes. Em 1950 publica Canto Geral, em que sua poesia adopta

intenção social, ética e política. Em 1952 publica Os Versos do Capitão e em 1954 As uvas e o vento e Odes Elementares.

Em 1953 constrói a sua casa em Santiago, apelidada de "La Chascona", para se encontrar clandestinamente com sua amante Matilde, a quem havia dedicado Os Versos do Capitão. A casa foi uma de suas três casas no Chile, as outras estão em Isla Negra e Valparaíso. "La Chascona" é agora um museu com objectos de Neruda e pode ser visitada em Santiago. No mesmo ano, recebeu o Prémio Lenin da Paz.

Em 1958 apareceu Estravagario com uma nova mudança em sua poesia. Em 1965 foi-lhe outorgado o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Oxford, Grã-Bretanha. Em Outubro de 1971 recebeu o Nobel de Literatura. Após o prémio, Neruda é convidado por Salvador Allende para ler para mais de 70 mil pessoas no Estádio Nacional do Chile.

Morreu em Santiago, em 23 de Setembro de 1973, de câncer na próstata. Postumamente, foram publicadas as suas memórias, em 1974, com o título Confesso que vivi.

Em 1994 um filme chamado Il Postino (também conhecido como O Carteiro e O Poeta ou O Carteiro de Pablo Neruda, no Brasil e em Portugal) conta a sua história na Isla Negra, no Chile, com a sua terceira mulher, Matilde.

Durante as eleições presidenciais do Chile nos anos 70, Neruda abriu mão da sua candidatura para que Allende vencesse, pois ambos eram marxistas e acreditavam numa América Latina mais justa, o que, a seu ver, poderia ocorrer com o socialismo. De acordo com Isabel Allende, em seu livro Paula, Neruda morreu de "tristeza" em Setembro de 1973, ao ver dissolvido o governo de Allende.

Em Julho/2010, em comemoração dos 106 anos de nascimento de Pablo Neruda, 31 Países participaram na homenagem ao Poeta, num mural da Casa de Arte de Alfred Asís, frente à casa de Pablo Neruda, na Isla Negra, no Chile.

A exposição teve início dia 03 de Julho, e prolongou-se por todo o mês.

Este ano, no passado dia 2 de Abril, foi lançada a Antologia com obras de 133 Poetas.

PRESENTACIÓN EN ISLA NEGRA, CHILE
ANTOLOGÍA "UN POEMA A PABLO NERUDA"
EN "LAS COINCIDENCIAS"
CASA DE LUIS WEINSTEIN
ISLA NEGRA CHILE
2 DE ABRIL 14 HORAS

OBRA DE AMOR A PABLO NERUDA
133 POETAS DE 31 PAÍSES.
POETAS DEL MUNDO

Me gustas cuando callas porque estás como ausente
Pablo Neruda

Me gustas cuando callas porque estás como ausente,
y me oyes desde lejos, y mi voz no te toca.
Parece que los ojos se te hubieran volado
y parece que un beso te cerrara la boca.

Como todas las cosas están llenas de mi alma
emerges de las cosas, llena del alma mía.
Mariposa de sueño, te pareces a mi alma,
y te pareces a la palabra melancolía.

Me gustas cuando callas y estás como distante.
Y estás como quejándote, mariposa en arrullo.
Y me oyes desde lejos, y mi voz no te alcanza:
déjame que me calle con el silencio tuyo.

Déjame que te hable también con tu silencio
claro como una lámpara, simple como un anillo.
Eres como la noche, callada y constelada.
Tu silencio es de estrella, tan lejano y sencillo.

Me gustas cuando callas porque estás como ausente.
Distante y dolorosa como si hubieras muerto.
Una palabra entonces, una sonrisa bastan.
Y estoy alegre, alegre de que no sea cierto.

Unidad
Pablo Neruda

Hay algo denso, unido, sentado en el fondo,
repitiendo su número, su señal idéntica.
Cómo se nota que las piedras han tocado el tiempo,
en su fina materia hay olor a edad,
y el agua que trae el mar, de sal y sueño.

Me rodea una misma cosa, un solo movimiento:
el peso del mineral, la luz de la miel,
se pegan al sonido de la palabra noche:
la tinta del trigo, del marfil, del llanto,
envejecidas, destañadas, uniformes,
se unen en torno a mí como paredes.

Trabajo sordamente, girando sobre mí mismo,
como el cuervo sobre la muerte, el cuervo de luto.
Pienso, aislado en lo extremo de las estaciones,
central, rodeado de geografía silenciosa:
una temperatura parcial cae del cielo,
un extremo imperio de confusas unidades
se reúne rodeándome.

*Pesquisa e composição de Carmo Vasconcelos
(Wikipédia e notícias enviadas à autora pelo Poeta Alfred
Asís)*



Foram Autores participantes desta Edição:
(Por ordem de paginação)

Mercedes Pordeus – Brasil
António da Cunha Duarte Justo – Alemanha
José Geraldo Martinez – Brasil
Petrônio Souza Gonçalves – Brasil
Marcelo Sguassábia – Brasil
Humberto Soares Santa – Portugal
Joaquim Marques – Portugal
Abílio Pacheco – Brasil
Jorge Cortás Sader – Brasil
António Barroso (Tiago) – Portugal
Fahed Daher – Brasil
Carmo Vasconcelos – Portugal
María Sánchez Fernández – Espanha
Luiz Gilberto de Barros (Luiz Poeta) – Brasil
Darlene Diniz – Brasil
Eugénio de Sá – Portugal/Colômbia
Marco Bastos – Brasil
Humberto Rodrigues Neto – Brasil
Oleg Almeida – Bielorrússia/Brasil
Clóvis Campêlo – Brasil

**A Revista eisFluências agradece as preciosas participações
dos prezados colaboradores e convidados.**

Saudações Literárias

Victor Jerónimo (Portugal/Brasil)
Director

Carmo Vasconcelos (Portugal)
Directora Cultural

Mercedes Pordeus (Brasil)
Responsável pela Redacção

<http://www.eisfluencias.ecosdapoesia.org/>

“As autorias das obras aqui presentes são de inteira e exclusiva
responsabilidade dos seus autores e dos colaboradores que no-las
enviam para publicação, tal como a sua revisão literária.
A aderência, ou não, ao Novo Acordo Ortográfico, fica também ao critério
dos autores.”